

Levente Igaz*

Modos de viver, religião, cultura militar: os Húngaros e o seu território nas fontes muçulmanas da Península Ibérica, entre os séculos IX e XII**

R E S U M O

Referidas pela primeira vez em fontes escritas ocidentais da segunda metade do século IX, as tribos húngaras devem ter chegado à região da Bacia dos Cárpatos por volta de 894-895. Até 902 ocuparam um vasto território e, em paralelo, encetaram expedições guerreiras contra vários espaços europeus. Estas incursões atingiram, por vezes, terras longínquas do continente e, por isso, cedo despertaram a atenção de autores muito diversos da Europa Medieval (bizantinos, alemães, italianos e muçulmanos). O presente estudo visa, precisamente, disponibilizar ao público de língua portuguesa, uma selecção dos textos mais representativos dos autores muçulmanos de origem hispânica, que escreveram sobre os antigos húngaros entre os séculos IX e XII, contribuindo, desta forma, para alargar o âmbito dos trabalhos que abordam as relações ibero-húngaras durante o período medieval.

A B S T R A C T

Referred to for the first time in written sources in the West in the second half of the 9th century, the Hungarian tribes must have arrived to the region of the Carpathian Basin around 894-895. Until 902 they occupied a vast territory and, at the same time, started military expeditions into various European regions. These incursions reached, at times, distant lands in the continent and, therefore, from an early date, they came to the attention of very different authors of Medieval Europe (Byzantines, Germans, Italians, Muslims). This article intends to make available to a Portuguese-speaking audience a selection of the most representative texts by Muslim authors of Hispanic origin who wrote about the ancient Hungarians between the 9th and 12th centuries: it is hoped, thereby, to contribute to a widening of the context of those studies which discuss Iberian-Hungarian relations during the Medieval period.

Introdução

Na segunda metade do século IX aparece referido, pela primeira vez, um povo antes desconhecido nas fontes escritas da Europa Ocidental¹. A aliança das tribos dos *húngaros* (*magyares*

* Antigo aluno da Universidade de Budapeste (ELTE). Prepara actualmente a sua dissertação de Doutoramento na Universidade de Szeged.

** Este trabalho integra-se no âmbito da investigação que desenvolvemos com vista à preparação da nossa dissertação de Doutoramento, que visa a análise comparativa da cultura militar e dos contextos sócio-culturais das relações bélicas na Península Ibérica e na Bacia dos Cárpatos, entre os séculos IX e XIII. Gostaríamos de expressar aqui o nosso agradecimento ao Sr. Prof. Doutor Luís Carlos Amaral, do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pelo orientação que nos tem concedido na nossa investigação e, muito em particular, pela forma como acompanhou a elaboração do presente trabalho.

¹ Como é óbvio, no presente trabalho não poderíamos ter como objectivo tratar das grandes questões e das teorias (oficiais ou *alternativas*) sobre a origem dos húngaros. Apenas referiremos alguns dos pontos mais importantes em que se

na sua língua; *magiares* em português) chegou à região da Bacia dos Cárpatos por volta de 894-895. Tendo ocupado um vasto território até 902², logo desencadearam, em paralelo com esta conquista, um conjunto de acções militares contra vários espaços europeus³. Estas incursões, às vezes direccionadas para as terras mais distantes do continente, abrangeram áreas enormes, e por isso despertaram, com fundadas razões, a atenção de autores muito diversificados da Europa Medieval (bizantinos, alemães, italianos e, simultaneamente, muçulmanos). O *perigo húngaro*, associado aos outros ataques (de árabes e de normandos) de que foram vítimas, pela mesma época, várias zonas periféricas do continente, representou um grande desafio para as entidades políticas dos territórios afectados, tendo os respectivos líderes encetado esforços políticos e militares a fim de erguerem uma defesa eficaz. Os que foram capazes de repelir as novas ameaças através da organização das forças locais, beneficiaram de uma efectiva consolidação dos seus territórios, antes ainda da segunda metade do século X⁴.

Concentrando a nossa atenção no espaço de tempo que mediou entre o aparecimento dos húngaros e o final do primeiro milénio⁵, deveremos sublinhar, antes de mais, o facto das acções bélicas então empreendidas terem tido um papel fundamental, pleno de consequências, na História militar e estatal da Europa. Algo de semelhante poderíamos dizer relativamente às incursões coevas perpetradas por muçulmanos e normandos. Perante a dimensão dos desafios provocados pela ameaça vinda de espaços periféricos, a Europa encontrou, mesmo antes do Ano Mil, respostas várias que conduziram, as mais das vezes, a novas composições políticas e, no caso

alicerça a discussão científica actual. Sobre as primeiras referências aos húngaros nas crónicas latinas ver: *Annales Bertiniani*, Ano 862, p. 60; *Annales Iuvanenses maximi*, Ano 881, p. 742. O primeiro relato bizantino sobre os húngaros é do ano 839: *Georgius monachus continuatus*, p. 679-851.

² Na Hungria este acontecimento é geralmente conhecido como a *Conquista da Pátria*, mas, actualmente, também se chama *Fundação da Pátria* ou *Regresso à Pátria*. Esta última designação refere-se explicitamente ao primeiro *Estado* dos húngaros, antes da cristianização. Os autores húngaros usam geralmente as palavras *Landnahme* e *Conquest* nas obras em língua alemã e inglesa (VAJAY, 1968, p. 25; BARTHA, 1975, p. 83; KRISTÓ, 1993, p. 15). A data exacta da Conquista é incerta e os investigadores apenas concordam que ela terá começado após 894. O final poderá ser colocado no fracasso das tropas francas e bávaras em 907, na Batalha de Pozsony (hoje Bratislava, capital da Eslováquia), na qual os húngaros destruíram o exército unido dos vizinhos ocidentais, que tentaram expulsar a aliança tribal da Bacia dos Cárpatos, ou, pelo menos, da região a Leste do rio Danúbio (DIESENBERGER, 2007, p. 31-43).

³ A campanha contra o reino italiano (e a vitória dos húngaros na margem do rio Brenta contra o exército do rei Berengar) em 899 foi realizada antes da ocupação da parte Ocidental da Bacia dos Cárpatos. Regressando da Itália, as tropas húngaras conquistaram a região que se situa a oeste do rio Danúbio, no lugar da antiga província romana da Panónia (actualmente *Dunántúl*, em português, *Além do Danúbio*). Até 902 ocuparam as terras do Noroeste da Bacia (as que tradicionalmente se chamam *Grande Morávia*) e, deste modo, completaram a Conquista (BOWLUS, 1995, p. 253-255). Sobre a batalha do rio Brenta ver: *Chronicon Venetum*, p. 22; *Rerum Italicarum scriptores*, p. 195.

⁴ O exemplo mais conhecido é o de Otão I, o *Grande* (936-973), originalmente príncipe saxão e rei dos francos orientais, que apenas um ano antes da vitória de Augsburg (Batalha de Lechfeld, 955) contra os húngaros, pôde estabelecer uma aliança de forças locais contra os inimigos exteriores. As vitórias contra os húngaros (e contra os eslavos em Rechnitz, no mesmo ano) desempenharam um papel importante na fundação do Sacro Império Romano Germânico (segundo a historiografia alemã e húngara, em 962). Sobre Otão I ver: HEER, 1968, p. 26-41.

⁵ Os anos entre 862 (data da primeira acção na Bacia, ainda liderada a partir do outro lado dos Cárpatos) e 970 (data do último ataque contra Bizâncio em que participaram os húngaros, tendo sido derrotados cerca da cidade de Arkadiopolis) são intitulados, na maioria das obras historiográficas húngaras, como a *Época das Incurções*. Em vez deste título, criado na época romântica da historiografia húngara, será preferível optar por *A época do Estado pré-católico* ou *O período dos príncipes*, porque são designações mais correctas e expressivas.

da Península Ibérica, ao início de um processo que acabaria, em meados do século XI, por alterar definitivamente a relação de forças entre a Cristandade e o Islão, em favor da primeira. Neste contexto se deverá incluir e interpretar tanto os primórdios da Reconquista hispânica, como as guerras contra os povos eslavos (checos e polacos) e ainda os ataques dirigidos ao Leste do território húngaro. Nos finais do século XI, as Cruzadas partiram de uma Europa muito diferente daquela que conheceu, duas centúrias antes, as primeiras expedições magiares⁶.

Considerando o número conhecido das acções guerreiras conduzidas pelos húngaros⁷ durante o primeiro século passado na Bacia dos Cárpatos, é compreensível que nas fontes escritas do Ocidente se tenham generalizado sentimentos de temor e de ódio, bem como um alargado conjunto de preconceitos relativamente ao povo magiar⁸. Nos textos deste período, geralmente lacónicos e breves, mas ricos em lugares comuns pejorativos, é praticamente impossível ter informações fiáveis sobre a vida dos húngaros antigos. Contudo, em certas fontes provenientes de áreas mais distantes, onde os temidos arqueiros a cavalo raramente apareceram, encontra-se um tom mais objectivo e neutral. Entre estas salientam-se as obras de autores muçulmanos, como as mais informativas. Descrições geográficas e históricas, relatórios diplomáticos e outros textos deram particular atenção aos acontecimentos relacionados com os húngaros desde meados do século IX, ou seja, antes ainda da sua fixação na região dos Cárpatos. É muito interessante verificar que as fontes escritas que tratam dos húngaros antes da sua expansão para o actual espaço da Europa Central são provenientes do Oriente muçulmano, enquanto que sobre o seu estabelecimento na Bacia dos Cárpatos, depois de 895, escreveram sobretudo autores islâmicos do Magrebe⁹. Deste modo, as fontes documentais provenientes das duas esferas do mundo muçulmano completam-se no que respeita às informações relativas aos primórdios da História da Hungria.

A maioria das informações actualmente conhecidas sobre os modos de viver dos magiares é proveniente das citadas fontes muçulmanas (e, em parte, das bizantinas)¹⁰. Aliás, estas podem mesmo ser consideradas como as referências mais relevantes acerca dos antigos húngaros. Preservaram

⁶ LEWIS, 1991. O historiador americano explica as raízes da expansão europeia como consequência dos encontros multilaterais (Península Ibérica, Mediterrâneo Leste, África do Norte) de povos nómadas e cristãos ocidentais. Esta teoria pode ser completada com o aparecimento dos húngaros e, em continuação, com a chegada tardia de povos nómadas que, depois do primeiro milénio, já não foram capazes de organizar outros Estados na Europa de Leste.

⁷ Actualmente conhecemos 47 acções militares húngaras, na maioria contra a Europa Ocidental (KRISTÓ, 1993, p. 27).

⁸ A única excepção entre as fontes da Europa Ocidental é a descrição do ataque contra a Abadia de St. Gallen (926), em que além das informações militares, encontram-se alguns detalhes sobre o comportamento e os costumes dos guerreiros húngaros durante as campanhas (*Casus Sancti Galli* (*Crónica do Ekkehard*), II, p. 104, 105-106).

⁹ Entre estes autores não magrebinos salientam-se os membros da tradição de al-Jayhānī: Gardīzī, *Zayn al-ahbār* (p. 260-261, 274-275); Ibn Rusta (a sua obra foi escrita entre 903-913; p. 142-143); o autor desconhecido da obra intitulada *Hudūd al-'Alam* (p. 37, 75-76); e a obra de Marvazī (p. 22, 35). No nosso estudo trataremos mais detalhadamente da obra do hispano-muçulmano al-Bakrī, que também pertence a este grupo. A outra tradição importante é a de al-Balhī, com dois autores: al-Istahrī (p. 10, 225, 227) e Ibn Hauqal (p. 15, 396, 398). Além disso, deveremos considerar também: al-Mas'ūdī, *Murūğ al-dhahab* (p., I, 228; II, 58-64; VIII, 144-145); *idem*, *Kitāb al-Tanbīh* (p. 180-181); al-Maqdisī, *Kitāb al-bad' wa-l-tārīh*; e o dicionário geográfico de Yāqūt, *Mu'ğam al-Buldān* (p., I, 468-470, 841-842).

¹⁰ As mais importantes fontes bizantinas sobre os húngaros são: *Tactica*, do Imperador Leão VI, e *De Administrando Imperio*, do Imperador Constantino VII. A primeira obra contém várias informações sobre a cultura militar dos húngaros e na segunda encontram-se referências importantes sobre os contextos políticos (MACARTNEY, 1968, p. 80-134, 229-233).

alguns dos capítulos sobre os encontros e desencontros de culturas diferentes ao longo da Idade Média. Alguns dos autores trabalharam e viveram nas regiões do Islão Ocidental, nomeadamente na Península Ibérica e na Sicília. Ao contrário da generalizada atitude da Cristandade, pareceram-lhes muito interessantes os tipos de vida, os costumes e as relações externas e internas dos húngaros, não só antes da sua chegada à Europa, mas também até à época dos últimos representantes da primeira dinastia real da Hungria, a Casa dos Arpades (894-1301).

O papel que as incursões militares húngaras tiveram antes da organização do Estado católico, em particular do ponto de vista sócio-cultural, é matéria que continua a gerar grande discussão entre os investigadores húngaros. Seja como for, deveremos explicar as principais razões que motivaram os ataques e campanhas, sendo certo que a partir da segunda metade do século X, a sua realização se tornou cada vez mais difícil, culminando com grandes derrotas em todas as fronteiras. Segundo a opinião mais consensual no seio da historiografia húngara, depois da segunda metade do século X, os membros da aliança das tribos húngaras já não puderam manter o primitivo sistema político e económico, que era, pelo menos em parte, nómada ou semi-nómada. Este sistema caracterizava-se, entre outros aspectos, pelos frequentes ataques contra os vizinhos e os territórios mais distantes. É um facto que as operações militares contra territórios alheios sempre fizeram parte do quotidiano dos povos oriundos das estepes euroasiáticas, apoiados numa economia baseada na criação de gado¹¹. Por outro lado, os húngaros quase sempre atacaram em conivência com um determinado poder político, que, em geral, os utilizava como tropas mercenárias¹².

A inexistência de fontes escritas húngaras para o século X, resulta numa grande escassez de informações acerca do processo de instalação da aliança das tribos, sobre a segurança e defesa das fronteiras e sobre a correlação dos poderes internos, em especial durante as décadas que sucederam à morte do líder da Conquista, o príncipe Arpad (907). Também há opiniões diferentes no que respeita à convivência e ao sistema económico que se estabeleceu entre os húngaros e os povos já fixados na Bacia dos Cárpatos. Uma vez que não dispomos de dados relativos ao número dos conquistadores, nem acerca dos habitantes anteriores, só podemos afirmar que os húngaros assimilaram as etnias com que se confrontaram, nomeadamente grupos de eslavos e os últimos ávaros. O mesmo aconteceu com aqueles grupos nómadas que, vindos do Leste, chegaram mais tarde às fronteiras da Hungria, já depois do primeiro milénio, a saber, os *pechenegues* ou *patzinaks*, os *oguzes*, os *iássicos* e os *cumanos*. Com a passagem dos séculos, também estes povos foram assimilados pelos húngaros¹³.

Sem dúvida alguma, as sofridas derrotas militares fizeram parte da mudança que se verificou ao longo do século X, promovida pelos descendentes do príncipe Arpad. Reconhecendo a nova situação, os líderes magiares tomaram a decisão, após 955, de encetar um outro rumo político

¹¹ Não obstante, os ataques dos nómadas tardios dos séculos XI-XII, já contra o reino húngaro, são semelhantes aos dos magiares. Desta forma, justifica-se discutir até que ponto podemos considerá-los como *incursões simples e acções políticas* que tentavam destruir o sistema defensivo dos vizinhos, como no caso da guerra entre húngaros e bávaros, nas primeiras décadas do século X.

¹² VAJAY, 1968, p. 25-115; KRISTÓ, 1993, p. 19-36. Uma obra importante, mas incompleta e, às vezes, preconceituosa, sobre os ataques húngaros é a do historiador alemão KELLNER, 1997.

¹³ BEREND, 2001, p. 24, 29, 39, 56-57; VÁSÁRY, 2005, p. 17-21; PÁLÓCZI HORVÁTH, 1989, p. 7-38, 62-67.

muito mais pacífico e aberto ao Ocidente, ao mesmo tempo que começaram a reorganização do *Estado* tribal. Depois dos *iniciadores*, os príncipes Taksony (955-972) e Géza (972-997), o monarca que deu continuidade ao processo e alcançou um grande desenvolvimento foi o rei Estêvão I¹⁴. É conhecido e celebrado como o primeiro monarca cristão de um país que oficialmente escolheu o cristianismo católico como a religião estatal¹⁵. Em todo o caso, é importante sublinhar que, apesar da organização e do poder da Igreja Católica e dos numerosos elementos de índole político-cultural importados do exterior, o reino húngaro manteve uma grande individualidade relativamente aos outros estados do Ocidente europeu.

Entre as características mais particulares do reino húngaro medieval destaca-se, do nosso ponto de vista, aquilo que poderemos designar de *atitude tolerante e pragmática* da parte dos monarcas que, paralelamente à manutenção da estrutura católica do Estado, várias vezes concederam privilégios aos que, querendo instalar-se na Hungria, professavam outras confissões cristãs e ainda outras religiões como o islamismo e o judaísmo. Regra geral, os crentes de outras religiões e os membros das etnias não húngaras encontraram bom acolhimento no reino magiar¹⁶. Não obstante, durante os séculos da dinastia dos Arpades, foram igualmente promulgadas certas leis que prejudicaram fortemente todas as manifestações de paganismo e também judeus e muçulmanos¹⁷. A outra face da moeda era, obviamente, a prática contínua de acolhimento antes mencionada, geradora de um equilíbrio bem visível na diferença que separa a produção de uma *legislação rigorosa* e a *execução efectiva das leis*. Tal como em outros reinos europeus, também na Hungria medieval a distância entre os dois factores promoveu a tolerância entre as comunidades diferentes e o apaziguamento social.

A este propósito convirá referir uma questão muito importante da época considerada, ou seja, a evangelização dos povos de origem nómada, originalmente politeístas, acolhidos em território magiar¹⁸. Na Hungria, os contrastes entre o poder eclesiástico e o temporal manifestaram-se precisamente neste contexto, atingindo-se os momentos mais extremos durante as últimas décadas da Casa dos Arpades, em particular no reinado de Ladislau IV, o *Cumano* (1272-1290), filho de uma princesa cumana¹⁹. Em todo o caso, e apesar das aspirações e das ambições do clero católico, foi possível, pontualmente, que *missionários* muçulmanos exercessem actividades em território húngaro, como se depreende da leitura da obra de um importante autor hispano-muçulmano, que visitou a Hungria no século XII. O facto do poder estatal ter permitido ou, pelo menos, tolerado estas iniciativas, constitui um fenómeno único da parte de um país que se tinha livremente associado à Cristandade ocidental. A existência de diversas comunidades monoteístas não cristãs e as suas relações com o Estado e com grupos similares ou diferentes de religião ou etnia, é um tema muito interessante e até agora pouco investigado na Hungria²⁰.

¹⁴ Foi também o primeiro monarca da dinastia dos Árpades a ser canonizado. Governou como príncipe entre 997 e 1001, ano da sua coroação régia. O seu nome original era *Vajk*, de origem turca.

¹⁵ GYÖRFFY, 1988; ZSOLDOS, 2001, p. 49-68.

¹⁶ BEREND, 2001, p. 54-59.

¹⁷ Trata-se dos Códigos de Leis dos reis Estêvão I, Ladislau I (*László*, em húngaro, 1077-1095), Colomano (*Kalmán*, em húngaro, 1095-1116) e André II (*Endre*, em húngaro, 1205-1235).

¹⁸ SINOR, 1959, p. 79-81; BEREND, 2001, p. 220-222.

¹⁹ KRISTÓ, 1993, p. 240-245; PÁLÓCZI HORVÁTH, 1989, p. 77-82.

²⁰ Além da obra citada de Nóra Berend, deveremos mencionar ainda o estudo de SZÉKELY, 1974, p. 53-74. Veja-se ainda: CHAZAN, 2006, p. 198-208.

Podemos dizer que a Hungria cristã, desde o começo da sua História, existiu como uma unidade multicultural no seio da Europa medieval, onde habitantes muito diferentes conviveram, as mais das vezes, pacificamente. É evidente que também se conheceram conflitos étnico-religiosos. O número destes conflitos aumentou no século XIII, marcando o fim da *convivência húngara*. Por detrás desta evolução encontramos algumas razões de peso, como, por exemplo, a ambição da Igreja Católica que, desconhecendo as condições reais do interior do reino, procurou forçar a cristianização dos cumanos politeístas — instalados pela primeira vez em 1239, graças à iniciativa do monarca húngaro, que os viu como um importante apoio militar contra os mongóis —, de acordo com os interesses do Papado. Poderíamos invocar também a hostilidade latente entre os nómadas cumanos e os habitantes húngaros, já totalmente sedentarizados na centúria de Duzentos, que constituiu um verdadeiro prelúdio trágico do ataque das tropas de Batu Khan (1241-1242). Mas, basicamente, a atitude tolerante não se alterou até ao século XIII. Esta circunstância permite-nos estabelecer, com os devidos cuidados, uma comparação com a Península Ibérica dos séculos X e XI, a outra periferia europeia, onde existiam formas diversas de convivência entre as três grandes religiões monoteístas e as numerosas etnias.

Outra característica muito significativa da Hungria na época dos Arpades foi a densa teia de relações estabelecida com o Oriente, pelo menos até ao mencionado ataque dos mongóis, o que permitiu aos reis húngaros construir um elaborado e operativo equilíbrio entre o Ocidente e o Oriente. Esta rede de contactos materializou-se num importante relacionamento diplomático com diferentes formações políticas orientais²¹, de onde resultaram benefícios vários, nomeadamente a nível militar. Recordemos, a este propósito, a presença de mercenários muçulmanos, os arqueiros a cavalo de Khwarezmia, na hoste do rei da Hungria, no século XII.

Existem várias obras sobre a História das relações culturais entre a Península Ibérica e a Bacia dos Cárpatos. Desenvolveram-se já abordagens que, sem ignorar os contextos históricos, privilegiaram os estudos literários e diplomáticos²². No Outono de 2009 foi publicado na Hungria um bom resumo sobre a mais importante fonte peninsular relativa ao ataque húngaro contra os territórios do Califado de Córdova, em 942²³. Esta obra analisa detalhadamente a narrativa de Ibn Hayyān sobre a mencionada expedição e, além disso, refere igualmente outros autores hispano-muçulmanos que são importantes do ponto de vista da História húngara. Trata-se de um estudo que nos foi extremamente útil, considerando que um dos objectivos principais do nosso trabalho é o de proporcionar aos leitores portugueses um conjunto de informações relevantes sobre as primeiras relações entre dois espaços periféricos e de fronteira da Europa Medieval.

Com este artigo queremos também enriquecer a lista das obras que abordam as relações ibero-húngaras, integrando as edições espanholas e propondo traduções portuguesas dos textos mais representativos dos autores muçulmanos de origem peninsular, que se debruçaram sobre os antigos magiares, entre os séculos IX e XII²⁴. A apresentação destas obras juntamente com os

²¹ BEREND, 2001, p. 163; GYÖRFFY, 1986, p. 8-11.

²² Indicamos de seguida uma breve selecção destas obras. *Espanha e Hungria*: ANDERLE, 1992; ANDERLE, 2007; SEMSEY, 2009. *Catalunha e Hungria*: BRACHFELD, 1942; CERVERÓ MARTÍ, 1980; ESCORSA, 2002; MATEU I LLOPIS, 1980; PÉREZ DE HEREDIA, 2001; ROCA, 2008; SAROBE-TÓTH, 2009. *Portugal e Hungria*: RÁKÓCZI, 1999; RÁKÓCZI, 2003; LUKÁCS, 1987.

²³ ELTER, 2009.

resultados mais recentes da investigação húngara, poderá contribuir — assim o desejamos — para um maior conhecimento tanto da História das relações entre a Península Ibérica e a Bacia dos Cárpatos, como da própria História Medieval da Europa Central. Resta-nos dizer que, ao longo da nossa investigação, procurámos referenciar todas as obras relevantes para o nosso tema, quer as de autores húngaros, quer as de estrangeiros.

É chegado o momento de passarmos à apresentação dos textos dos autores hispano-muçulmanos que seleccionámos para esta breve colectânea. Dividimo-los em duas partes. Na primeira trataremos das obras que nos informam sobre os húngaros antes da fundação do Estado cristão, no final do primeiro milénio. Os autores escolhidos foram: Ibn Hayyān, al-ʿUḏhrī e al-Baqrī. Na segunda parte apresentaremos as passagens mais significativas de textos de al-Idrīsī e de Abū-Hāmid al-Garnātī. Através destes dois autores somos conduzidos até uma das épocas mais esplêndidas do reino húngaro medieval, na segunda metade do século XII.

Primeira Parte

*Al-Baqrī: Kitāb al-Masālik wa al-Mamālik*²⁵

Abū Ubayd Abd Allāh ibn Abd al-Azīz ibn Muhammad al-Bakrī (1014-1094), geógrafo, historiador e botânico hispano-muçulmano, nasceu em Huelva. Era filho de um governador da província e passou toda a sua vida em Córdova, nunca tendo percorrido os lugares sobre os quais escreveu. As suas obras mais importantes são: *Kitāb al-Masālik wa-al-Mamālik* (*Livro das Estradas e dos Reinos*) e *Muʿjam*. Além disso, conhecemos também um dicionário geográfico da sua autoria, contendo topónimos da região da Arábia. O primeiro livro mencionado foi escrito em 1068, baseado na literatura e relatos de mercadores e viajantes, incluindo Yusuf al-Warraq e Abraham ben Jacob, judeu da Península Ibérica. Os escritos deste último revelam-se muito interessantes, uma vez que, como diplomata e comerciante de escravos, Abraham ben Jacob visitou a corte de Otão I, tendo cumprimentado o monarca alemão na sequência da vitória sobre os húngaros²⁶. Algumas passagens destes dois autores chegaram até nós unicamente graças a al-Bakrī. Os seus textos são notáveis, antes de mais pela objectividade com que escreveu. Sobre cada região que apresenta, tratou de descrever os respectivos povos e seus costumes, a geografia, o clima e as cidades mais importantes. Não deixou de registar também várias *anedotas*. Infelizmente, uma parte do seu trabalho perdeu-se totalmente, encontrando-se as passagens sobreviventes distribuídas por manuscritos de diferentes bibliotecas europeias.

Do ponto de vista húngaro é um autor importante, um representante da tradição do al-Jayhānī. Apesar da sua obra ter sido redigida no século XI, são várias as referências aos húngaros da centúria anterior, antes ainda da fundação do Estado cristão. Actualmente, constitui o mais antigo

²⁴ Decidimos utilizar as traduções espanholas disponíveis. Quando tal não acontece, procedemos à tradução para português dos textos das edições húngaras e francesas.

²⁵ Utilizamos o texto da edição crítica francesa: AL-BAQRĪ, 1992.

²⁶ Também é conhecido pelo nome árabe de Ibrāhīm ibn Yaʿūb. Sobre este autor ver: ALI EL-HAJJI, 1970; ALI EL-HAJJI, 1970a; MIQUEL, 1966; WALTHER, 1985; ENGELS, 1991; SEZGIN, 1994; CHARVÁT-PROSECKÝ, 1996.

testemunho peninsular sobre os húngaros, nomeadamente em relação a um tema interessante, e muito discutido: a religiosidade dos magiares antes da chegada à Bacia dos Cárpatos. É muito provável que as tribos húngaras, para além da acentuada heterogeneidade social, apresentassem também idêntico cenário do ponto de vista religioso. Sabemos hoje que durante a sua longa migração, se cruzaram com representantes das grandes religiões monoteístas, como se pode comprovar através de vários testemunhos arqueológicos (numerosas cruzes encontradas em diversos túmulos). Fica-nos assim a certeza de que uma parte dos magiares já estava cristianizada no momento em que chegou à Bacia dos Cárpatos.

Refira-se, por último, que al-Bakrī interpreta os magiares como um povo de origem turca, denominando o seu território de *al-Unqaluš*, topónimo que deve resultar do nome *Ungarus*²⁷.

“Recordação do país de al-Unqaluš

Este povo (os húngaros) pertence ao grupo dos turcos (ġins min al-atrāk) e tem fronteiras com os eslavos. A fronteira Ocidental do país é o país Buwayra e o país Būyaslāw²⁸; do lado Norte fica situada a Rūs; no Leste encontram-se os pechenegues (al-Baġanāk) e os campos despovoados²⁹. Estes estendem-se entre o território dos pechenegues e dos búlgaros que pertencem aos eslavos (al-Bulqārin)³⁰. A Sul fica uma parte da terra dos búlgaros e a faixa dos campos despovoados. É um povo que, além do Deus Altíssimo, não tem outra divindade. Acreditam no Senhor do Céu e ele é o único Poder Divino. Evitam a carne de porco e realizam sacrifícios. Quando um deles se prepara para comer, acende a fogueira e nela lança os melhores pães e outros alimentos, invocando os nomes dos seus antepassados preferidos. Acreditam que o fogo sobe ao céu e aí é reservado, por Deus Altíssimo, para os mortos invocados³¹. Emigraram da Kwarezmia. Aí o Islão está já espalhado. Estes turcos resgatam os muçulmanos e os judeus quando estes

²⁷ Segundo a opinião da maioria dos investigadores, o substantivo *húngaros*, conhecido internacionalmente, deriva do nome dos *onogures*, um povo turco das estepes da Europa Oriental. Além da mais frequente denominação *turk* (plural, *atrāk*) dos húngaros, Ibn Rusta chama ao povo húngaro *madjariyah/madjghariyah*, al-Mas‘ūdī usa as denominações *badġhird/bazkirda* e *nu.k.r.da* (esta última refere-se aos possíveis participantes onogur-turcos da aliança tribal dos húngaros). Yākūt: *bāshġirdiyah* e *bāshġird* (sobre a identificação dos húngaros com os basquires, ver nota 92). Al-Bakrī: *al-Unkali* (para os húngaros da Bacia dos Cárpatos; porém, é notável que use o nome *madjariyah/madjghariyah* para os nómadas das estepes). Ibrāhīm ibn Ya‘ūb at-Turtushī também usa a palavra *Unkali* (ELTER, 1997, p. 99-101).

²⁸ O texto delimita razoavelmente as fronteiras geográficas e políticas do país dos húngaros. A Ocidente, o país Buwayra é a Baviera, o país Būyaslāw é a terra dos checos. Apenas a localização de Rūs (Rús Quievana) está errada.

²⁹ Referência a um elemento do sistema de defesa das fronteiras da Hungria Medieval. Desde a Conquista que existia uma faixa desabitada entre os territórios povoados pelos húngaros e os dos vizinhos (um tipo de *terra de ninguém*), que servia para diminuir a intensidade dum eventual ataque inimigo. Este sistema funcionou bem durante séculos, mas perdeu a sua importância face às estratégias dos mongóis. Comparativamente, o ataque dos mongóis foi o mais forte que a Hungria conheceu durante a Época dos Árpades, e revelou Batu Khan como um excelente conhecedor da arte militar nómada.

³⁰ Referência aos búlgaros do Baixo Danúbio que migraram também das estepes da Europa Oriental para a Península dos Balcãs, em 680, fundando de seguida um estado forte, que conduziu várias guerras contra Bizâncio. Por esta altura, começaram a perder a língua original turca e assimilaram-se aos habitantes anteriores, os eslavos meridionais. Trata-se de um fenómeno contrário ao que aconteceu na Bacia dos Cárpatos, onde os recém-chegados húngaros (provavelmente bilingues?) assimilaram os povos que encontraram (KOSÉV-HRISTOV-ANGELOV, 1966, p. 18-19).

³¹ É notável como, no que respeita à religião dos mongóis, esta descrição tem várias semelhanças com o relato de Fr. Plano Carpini, do ano 1247 (CARPINI, 1996, p. 42).

*são capturados em alguma província da sua vizinhança. Tratam bem os convidados. São convenientes [sob o ponto de vista moral], exceptuando o facto de cederem as suas mulheres aos criados, aos convidados e a todos os que querem estar juntos com elas, porque neste assunto estão ao nível dos cães*³²”.

Ibn Hayyān: *Al-Muqtabis* V³³

Abū Marwān Hayyān ibn Halaf ibn Husayn ibn Hayyān al-Qurtubī (987-1075, geralmente conhecido como Ibn Hayyān), foi o mais famoso historiador hispano-muçulmano. Ocupando uma posição importante na corte de al-Mansūr, pôde escrever vários trabalhos sobre a História do al-Andaluz. Infelizmente, a maioria das suas obras não sobreviveu até nós, pelo que só conhecemos uma pequena parte. Nos nossos dias, o capítulo 5.º de *al-Muqtabis* é considerado como uma das mais importantes fontes escritas sobre a História da Hungria do século X, contendo as mais antigas referências peninsulares sobre as relações ibero-húngaras. Além de variadíssimas informações, apresenta importantes detalhes sobre os ataques húngaros contra as Marcas Superiores do Califado de Córdoba, no Verão de 942. Os dados que recolheu sobre os modos de viver dos húngaros e sobre as suas tácticas guerreiras são preciosos. Destaque-se a famosa lista de líderes húngaros que apresenta, integrando aqueles cinco guerreiros capturados pelas tropas califais que, depois de islamizados, foram colocados no corpo da guarda pessoal do califa.

Antes da descoberta do relato de Ibn Hayyān, somente algumas breves fontes escritas testemunhavam o aparecimento dos húngaros na Península Ibérica. De acordo com textos de Maqdisī e de Mas‘udī, autores muçulmanos não peninsulares, e, do lado cristão, de Liutprand, sabíamos apenas que algumas tropas húngaras tinham atingido certas regiões da Hispânia no século X. O *al-Muqtabis* veio completar e confirmar de forma muito clara essas outras fontes. Por outras palavras, poderíamos dizer que com a ajuda do texto de Ibn Hayyān foi possível localizar no tempo e no espaço as informações lacunares antes conhecidas³⁴. Uma vez divulgado, o texto transformou-se imediatamente em objecto de investigação e de ampla discussão científica na Hungria. No presente estudo resumimos os resultados mais recentes da pesquisa húngara sobre aquele facto histórico, que aquando da edição espanhola do texto do *al-Muqtabis* ainda não eram conhecidos.

³² O facto das mulheres húngaras poderem ficar sozinhas sem a presença dos membros masculinos das suas famílias é algo de totalmente estranho para um muçulmano, pelo que se explica a crítica e o tom de desprezo usados pelo autor.

³³ O título completo é discutível, uma vez que os manuscritos existentes apresentam dois diferentes (ELTER, 2009, p. 40-41). Utilizamos a edição espanhola: IBN HAYYĀN, 1981.

³⁴ Além das obras de Maqdisī e de Mas‘udī (mencionadas na nota 9), o abade de Cremona, Liutprand, na sua obra intitulada *Antapodosis*, escreve também sobre o ataque húngaro contra a Península (Livro Vº, cap. 19; ed. de G. H. Perz, in *Monumenta Germaniae Historica. Scriptores*, I-XXXIV, Hannover-Leipzig, 1826-1934 (editado de novo em 1963-1964), p. 141). Sobre os esporádicos dados cristãos da acção de 942 ver: VALLICROSA, 1962-1963, p. 71-80; BENET I CLARÀ, 1982.

“*Noticia de la aparición de los turcos en la Marca Superior*”³⁵

*En este año llegó a an-Nāsir la carta del visir y caid Muhammad b. Hāšim at-Tuṣībī en jueves, quedando 10 días de šawwāl (7 julio 942), con otra de su sobrino Ahmad b. Yahyà b. Hāšim, otra de Mūsà b. Muhammad b. at-Tawīl, señor de Huesca, y otra del cadí de cadíes de la Marca, Mundīr b. Saīd, informándole de la invasión de una gran nación de los turcos de más allá de Constantinopla contra los musulmanes andalusíes de la Marca Superior, descendiendo repentinamente en gran número del país franco y acampando junto a la ciudad de Lérída, extremo de la Marca Superior, lanzando algaras contra las fortalezas árabes y haciendo cautivo al señor de Barbastro, Yahyà b. Muhammad b. at-Tawīl*³⁶.

An-Nāsir quedó consternado ante la noticia, que aterró a la gente y produjo rumores, mas Dios alivió la situación al llegar una carta de Muhammad b. Hāšim al final del día, el citado jueves, diciendo que se volvían por sí solos de al-Andalus y que Dios los alejaba de los musulmanes, con lo que se sosegó inmediatamente la congoja de An-Nāsir y cesaron los rumores, protegiendo Dios a sus siervos, y el lunes, quedando 6 noches de šawwāl (11 julio 942), llegó una carta de Mūsà b. Muhammad b. at-Tawīl, gobernador de Huesca, confirmando dicha retirada y acompañada con algunos dardos, armas y efectos que se les habían cogido. Así pues, se corroboró su salida de al-Andalus, siendo grande el favor divino al desviarlos.

Esta violenta nación había invadido la frontera extrema de al-Andalus, procedente del país franco, tras derrotar a quienes hallaron a su paso, haciendo alto frente a Lérída, extremo de la Marca, el jueves, quedando 10 noches de šawwāl (7 julio 942); las avanzadas de su caballería se metieron por el llano hasta Wadīna³⁷, Cerretania y la ciudad de Huesca, y el sábado, tercer día de su acampada, hicieron cautivo a Yahyà b. Muhammad b. at-Tawīl, señor de Barbastro. Eran tantos que les faltaron alimentos y hubieron de dejar el país; tenían siete príncipes³⁸, de los que el mayor se llamaba...³⁹. El

³⁵ Diz-nos a nota original espanhola: “Pasaje traducido por CHALMETA, Estado, 158 y Méditerranée, 342 y comentado allí, pp. 348-350. El ataque lo menciona incidentalmente ‘UDRT, Marca, § 193. Puede consultarse además: T. LEWICKI, *L'apport des sources arabes medievales (IX-X siècles) à la connaissance de l'Europe Centrale et Orientale*, en: “L'Occidente e l'Islam nell'alto medioevo”, Spoleto, Settimane... XII, 1965, I, 461-485”.

³⁶ Referências aos elementos táticos dos ataques húngaros. O texto confirma o facto de os contingentes húngaros, atacando sem infantaria e apostando geralmente na “cavalaria ligeira”, serem capazes, de vez em quando, de cercar fortalezas. Do ponto de vista económico, o principal objectivo dos ataques é a obtenção de cativos, com vista à sua comercialização no final das campanhas. Tudo leva a crer que a venda, muito provavelmente perto do lugar de origem dos cativos, fosse mais proveitosa para os húngaros. Em outras fontes escritas há algumas referências sobre cativos que viveram na Hungria do século X.

³⁷ A cidade de Odèn.

³⁸ Na historiografia húngara foi sempre muito discutível a posição destes *príncipes*, sendo provável que fossem os líderes militares dos ataques, nomeadamente da acção de 942. Por isso mesmo, não podemos continuar a identificá-los como chefes de sete tribos húngaras, como pretenderam alguns historiadores húngaros.

³⁹ Diz-nos a nota original espanhola: “Nombres ilegibles, que son ahora objeto de estudio en Hungría. Es posible que /šān/ aluda al título de *Jan* (como indica CHALMETA, Méditerranée. 158. n. 23)”. István Elter sublinha no seu livro que esta palavra não é um nome pessoal. Segundo a investigação húngara, as formas actualmente aceites dos nomes húngaros são: **t.x.x.l.h** (*Dyila*, versão do nome *Gyula*, que nesta época tanto pode ser título como nome pessoal); **.h.r** (*Eđer*, na ortografia húngara *Ecer*); **wa-l.h.w.d.y** (*Bulcudi*, talvez o possámos identificar com o famoso líder *Bulcsú*, baptizado em Bizâncio pelo Imperador Constantino VII, *Porfirogentos*, e capturado e executado pelos alemães, após a Batalha de Augsburg, em 955). Para termos certezas sobre os outros nomes, seria preciso encontrar novas fontes escritas

asedio de estos turcos a la ciudad de Lérida duró 8 días, mas Dios protegió a los musulmanes / que pudieron rechazarlos a pesar de su número, volviéndose frustrados a su campo, faltos de alimentos y forraje, de modo que se marcharon y Dios evitó el caso.

Dicen los entendidos que su patria está en el Extremo Oriente, siendo los pechenegos sus vecinos orientales, que Roma les queda al sur, el país de Constantinopla al oriente con alguna desviación, que al norte tienen la ciudad de Moravia⁴⁰ y demás países eslavos, y al occidente, los sajones y francos. Para llegar a al-Andalus recorrieron una gran distancia por el desierto...⁴¹ los reyes de ellos, que pasaron en esta salida por Lombardia, su vecina, a una distancia de 8 días, que habitaban en el Danubio y que son nómadas como los árabes⁴², no teniendo ciudades ni casas, sino que habitan tiendas de fieltro en poblados aislados.

El viernes, quedando 11 noches de dū l-hiŷŷa (4 septiembre 942) llegó un mensajero del visir Muhammad b. Hāšim, señor de Zaragoza, trayendo 5 de aquellos turcos cautivos, dejados con su vestido y aspecto normales, que fueron conducidos al nuevo alcázar de Qarqarī⁴³, más abajo de Córdoba, pues an-Nāsir se recreaba allí entonces, y pudo contemplarlos. Posteriormente se hicieron musulmanes y los incluyó en su servidumbre.

De la extrema Tortosa llegaron noticias a primeros de muharram del siguiente año 331 (14 septiembre 942), del rescate de Yahyà b. Muhammad b. at-Tawil de manos de estos turcos mediante una suma que se les pagó, con lo que Dios alivió su situación, el miércoles, 10 de dū l-qa'da (27 julio 942), dirigiéndose a la capital, a renovar su homenaje an-Nāsir. Entró en Córdoba el sábado, quedando 6 días de rabī II del citado año 31(5 enero 943), tras haber pasado cautivo en manos de los infieles 33 días: an-Nāsir se alegró con él, dándole presentes y vestidos y satisfaciendo su curiosidad de saber nuevas de estos malditos.

Posteriormente llegó una carta de 'Abdarrahman b. Muḥammād b. an-Nazzām, gobernador de Tortosa, sobre la victoria de los francos y naciones vecinas sobre estos turcos llegados a su país, poniendo coto a su agresión e inflingiéndoles tan grandes pérdidas que sólo algunos fugitivos escaparon a su país,

acerca do ataque de 942. Sirvam de exemplo os casos de **x.s.mān** (pode ter a forma *Başman*, sem correspondência actual); **l.x.s** (as formas mais possíveis deste nome são *Lēl* ou *Lēs*; no primeiro caso, a forma húngara poderá ser *Léll Lebel*; assim se chamava o outro chefe húngaro executado depois da vitória de Otão I); **ˁ.r.w.d** (Elter sugere aqui a transcrição da letra *ayn* com *o* inicial). O nome **h.d.h.d.y** não tem transcrição aceitável (ELTER, 2009, p. 91-99).

⁴⁰ Referência à capital, geograficamente desconhecida, da *Grande Morávia*, território do povo eslavo morávio, entre 830 e 902 (diferente dos actuais moravos da República Checa). Apesar de certos historiadores eslovacos insistirem em identificar a *Grande Morávia* como o antepassado medieval do Estado eslovaco, a verdade é que os dados de que dispomos são extremamente lacunares. Segundo as informações de Ibn Hayyān, o território ficava situado a Noroeste da Bacia dos Cárpatos. As fontes bizantinas, por sua vez, localizam a Morávia a Sul da Bacia. Sobre estes assuntos ver: BIRNBAUM, 1993; BIRNBAUM, 1993a; BOBA, 1971.

⁴¹ Falta texto no manuscrito.

⁴² Diz-nos a nota original espanhola: “Es decir: los beduinos de Arábia”. Em nossa opinião, a semelhança referida com o modo de viver dos beduínos pode relacionar-se apenas com aquela parte do povo húngaro que, enquanto nómadas ou semi-nómadas, apareceu em diferentes pontos do continente europeu, nomeadamente na Península Ibérica. Do ponto de vista árabe, portanto, são estes húngaros participantes nas acções militares, que mais se assemelhavam aos povos nómadas do deserto. A comparação com os beduínos pertence a Ibn Hayyān ou aos outros autores sobre os quais se baseou o historiador cordovês.

⁴³ Diz-nos a nota original espanhola: “Cf. supra n. 13”.

*con lo que Dios completó la gracia de suprimir su daño: por dejarlo completo hemos incluido el resto del asunto con hechos que no son del año en que aparecieron*⁴⁴.”

Al-^ʿUdhri: *Tars̄ al-Abbār*⁴⁵

Ahmad ibn ^ʿUmar ibn Anas al-^ʿUdhri (também conhecido como Ibn al-Dalāʿi, de acordo com o seu lugar de nascimento, a cidade de Dalías), nasceu em 1003 e morreu em 1085, em Valência. Temos poucas informações sobre a sua vida, e só sabemos que a sua obra geográfica foi utilizada por al-Idrisi e que ele ensinou o famoso Ibn Hazm. Foi igualmente mestre de al-Bakri.

O texto de al-^ʿUdhri não contém novidades sobre os húngaros aparecidos na Península Ibérica, mas confirma as informações de Ibn Hayyān. Por outro lado, fornece-nos uma explicação acerca da denominação *mağūs* que, segundo outras obras muçulmanas, significa os viquingues e não os húngaros. Apesar das datas do cativoiro serem diferentes nos textos de al-^ʿUdhri e de Ibn Hayyān, a referência ao nome do governador de Barbastro assegura-nos que, neste caso, os *mağūs* eram aqueles húngaros sobre os quais Ibn Hayyān escreveu mais detalhadamente⁴⁶. Deste modo, a denominação *mağūs* tornou-se num *topos* onomástico, integrando a lista dos nomes usados pelos autores árabes para se referirem aos húngaros.

“Permaneceu lá [em Barbastro] até ao ano 330, na zona fronteira entre Lérida e Saragoça, e os assaltantes mağūs capturaram-no. O cativoiro dele aconteceu no ano mencionado, no mês šawwāl, dia 8, um sábado [25 junho de 942]. Resgatou-o um comerciante por mil mitqāl. [Depois] foi à capital de ʿAbd al-Rahmān. O califa ordenou que pagassem o montante em duplicado ao [homem] que o resgatou e mandou Yahyà regressar a Barbastro.”

Segunda Parte

Al-Idrisi: *Kitāb nuzhat al-muštāq fi htirāq al-āfāk*⁴⁷

Al-Idrisi, um dos mais famosos cartógrafos e geógrafos árabes, bem conhecido na Sicília, pertencia a uma família de origem hispano-muçulmana⁴⁸. Referiu-se também ao país dos húngaros,

⁴⁴ Actualmente, os investigadores húngaros consideram a campanha contra o al-Andaluz como um fracasso. Segundo as fontes escritas, parece que a derrota total aconteceu durante o regresso, às mãos de catalães (ELTER, 2009, p. 118-120).

⁴⁵ O título completo da obra é: *Tars̄ al-Abbār wa tanwīr al-ātār wa-l-bustān fi gānāʿib al-buldān wa-l-masālik ilā ġamic al-mamālik* (Resumo dos acontecimentos e apresentação diversa das antiguidades e, outrossim, jardim de coisas estranhas de todos os países e impérios, juntamente com os caminhos que a eles se dirigem), mas quer Yāqūt quer al-Idrisi citam-na como: *Nizām al-marǧān fi l-masālik wa-l-mamālik* (O fio de pérolas de caminhos e impérios) (ELTER, 2009, p. 100).

⁴⁶ A razão da diferença reside, provavelmente, num erro dos copiadouros do *al-Muqtābis* e não do autor, que sempre tratou a cronologia cuidadosamente (ELTER, 2009, p. 101).

⁴⁷ A tradução das partes mais relevantes foi publicada na revista *Acta Historica*, LXXXII, Szeged, 1985, p. 53-65, por István Elter. Além desta tradução, na Hungria só pude dispor da edição árabe e de alguns capítulos vertidos em línguas eslavas.

⁴⁸ BOIGUES, 1898, p. 232.

na descrição que elaborou em paralelo com o seu famoso mapa-mundo. A sua obra, escrita de acordo com o sistema climático ptolomaico, contém alguns erros geográficos. Embora nunca tenha viajado até à Hungria, podemos considerá-lo um autor muito credível, que completa a obra de um outro seu contemporâneo, Abū Hāmid al-Garnāī, o qual realmente conheceu a terra dos húngaros. São muitas as vezes em que al-Idrīsī sublinha a riqueza da Hungria medieval.

Na sua descrição podemos ler sobre vários lugares e regiões dum reino próspero, onde sobressaem muitas cidades florescentes. Uma parte destas cidades, em consequência das mudanças de fronteiras ocorridas no século XX, fica hoje fora da Hungria, mas na época de al-Idrīsī todas eram consideradas cidades húngaras com habitantes de diferentes etnias. Vale a pena comparar o número de centros urbanos que adianta, com as informações de Abū Hāmid, que refere, ao longo da sua obra, 78 cidades.

“Clima 6.º, Parte 2.”

Opus Geographicum, p. 861, linhas 1-5

Da cidade G.r.māy.š.h⁴⁹ (= Krems) até W.yān.h (= Viena), na direcção do Leste, são sessenta milhas. Tudo isto encontra-se na terra de B.wām.y.h (= Boémia; correctamente, Hungria), que se pronuncia também com b, B.wāb.y.h. B.wām.y.h (= Boémia; correctamente, Hungria) que é um país comprido e largo, abundante em terras cultivadas. Tem cidades numerosas com todos os tipos de riqueza. As cidades mais importantes são: Ğ.y.k.l.b.w.k.h (= Nikolsburg?)⁵⁰, Š.b.r.w.n.h (= Sopron), W.yān.h (= Viena), Mās.w, que se diz como Bās.w (= Vác), e ainda ’krāk.t.h (=?) e a cidade de ’s.t.r.k.w.n.h (= Esztergom). Estas cidades estão sob domínio alemão e obedecem aos alemães⁵¹. Cobram-lhes impostos, protegem-nas, e os seus reis controlam-nas, promulgando decretos. Promovem-nas ou despromovem-nas à sua vontade e fazem com elas o que acham por bem. Ninguém é capaz de contrariar o poder deles.

A mais famosa cidade de B.wām.y.h (= Boémia; correctamente, Hungria) é ’s.t.r.k.w.n.h (= Esztergom)⁵². É a principal cidade de B.wām.y.h, com a maior área, com o maior número de edifícios, com o maior número de habitantes e com a maior abundância. Aqui se encontra o palácio real e o centro a partir do qual se governa B.wām.y.h. Da cidade de ’s.t.r.k.w.n.h (= Esztergom), que também se pronuncia com ghain, até Ğ.y.k.l.b.w.k.h (= Nikolsburg?) são oitenta milhas de distância.

A cidade de Ğ.y.k.l.b.w.k.h (= Nikolsburg?) é muito bonita, com todos os tipos de comércio e de mercados. Na sua região abundam as terras cultivadas. Possui abundantes águas e frutas, sendo a fertilidade constante. Tem muitos pomares e vinhas.

Da cidade de Ğ.y.k.l.b.w.k.h (= Nikolsburg?) até à cidade de Š.b.r.w.n.h (= Sopron) são sessenta milhas de distância, e, na direcção do Leste, da cidade de Š.b.r.w.n.h (= Sopron) até ’s.t.r.k.w.n.h (= Esztergom), ao Sul, oitenta milhas.

⁴⁹ Na tradução portuguesa mantivemos a transcrição original dos topónimos, sem vocalização e com as letras latinas correspondentes às letras árabes, segundo István Elter.

⁵⁰ Hoje Mikulov na República Checa.

⁵¹ Nesta época a Boémia existia como um reino dependente do Sacro Império Romano Germânico (MĚŘINSKÝ–MEZNÍK, 1998, p. 39-59).

⁵² A cidade de Esztergom funcionava como a capital do reino húngaro. Buda (na obra de al-Idrīsī Budavára, em português Castelo de Buda), só passou a ser mais importante após a invasão dos mongóis, em 1241-1242 (KRISTÓ, 1993, p. 209-210).

A cidade de Š.b.r.w.n.h (= Sopron) é majestosa e grande, com muitas águas e jardins, mercados e ruas transitáveis. As casas são altas e as passagens são notáveis. Estende-se numa planície fértil. Entre ela e o rio distam vinte milhas.

De Š.b.r.w.n.h (= Sopron) até W.yān.h (= Viena), no Sul⁵³, são quarenta milhas de distância. Da cidade de W.yān.h (= Viena) até a G.r.māy.š.h (= Krems), já mencionada, no Oeste, são também quarenta milhas. De W.yān.h (= Viena) até 's.t.r.k.w.n.h (= Esztergom), no Sul, cinquenta milhas.

W.yān.h (= Viena) fica situada a Leste do D.n.w (= Rio Danúbio); 's.t.r.k.w.n.h (= Esztergom) também fica a Leste do mesmo rio⁵⁴.

De 's.t.r.k.w.n.h (= Esztergom), a Leste, até Bās.w (= Vác) são quarenta milhas. Bās.w (= Vác)⁵⁵ é uma cidade grande à qual nos referiremos no seu devido lugar.

De Bās.w (= Vác) até Š.b.r.w.n.h (= Sopron), a Sudoeste⁵⁶, são oitenta milhas, de Š.b.r.w.n.h (= Sopron) até 's.t.r.k.w.n.h (= Esztergom), oitenta milhas. De 's.t.r.k.w.n.h (= Esztergom) até B.l.g.rāb.h (= Székesfehérvár), são trinta milhas para Sul. B.l.g.rāb.h (= Székesfehérvár) é uma cidade da terra de K.r.n.tār.h (= Caríntia e Panónia)⁵⁷. A terra de K.r.n.tār.h tem fronteiras a Leste com a terra de 'y.k.lāy.h (= Aquileia). A Sul tem fronteiras com o país dos venezianos, a Leste com a 'n.k.r.y.h (= Hungria), a Norte com a B.wām.y.h (= Boémia, mais correctamente a faixa Oriental de Noricum e a parte Norte da Panónia). A terra da K.r.n.tār.h situa-se entre o D.n.w (= Rio Danúbio) e o vale do rio D.r.w.h (= Rio Dráva). Os seus lugares mais importantes e cidades principais são: B.z.wār.h (= Budavára), B.w.zān.h (= Pozsony)⁵⁸, N.y.t.r.m (= Nyitra)⁵⁹, B.l.g.rāb.h (= Székeshehérvár), S.y.k.lāw (= Siklós) e B.w.z.h (=?). Todas estas cidades ficam situadas na vizinhança do país dos venezianos. Entre [os venezianos e] estas cidades há, de vez em quando, guerras duras sem tréguas⁶⁰. Na terra da K.r.n.tār.h (= Caríntia e Panónia), entre as cidades que estão na vizinhança dos venezianos, encontra-se a cidade de B.y.l.w (= Belovár)⁶¹, que é na margem Sul do D.r.w.h (= Rio Dráva), e também a cidade de B.w.z.h (=?). Estas duas cidades são similares, uma vez que têm superfícies e extensão parecidas e têm também elevada população. Têm muitos campos, hortas e cereais. Entre B.y.l.w (= Belovár) e B.w.z.h (=?) são cinco dias, caminhando para Leste. De B.w.z.h (=?) até à cidade de S.y.k.lāw (= Siklós) são três dias.

⁵³ Direcção errada.

⁵⁴ A direcção correcta é Sul.

⁵⁵ Vác era um dos dez bispados que foram fundados pelo Santo Rei Estêvão, como passo importante da organização das instituições da Igreja Católica.

⁵⁶ Direcção errada.

⁵⁷ No sistema de al-Idrīsī a segunda parte do *Clima* 6.º contém a descrição das seguintes regiões: da França, a Normandia, a Flandres, o Hainault, a Lorena, Brie e as partes francas e alemãs da Borgonha; a região de Lovaina, a Frísia, uma parte da Saxónia, algumas ilhas da Inglaterra e a Caríntia. Esta última é identificada não só com uma parte da Áustria (antiga província romana de *Noricum*), mas também com a Panónia.

⁵⁸ Bratislava, capital actual da Eslováquia.

⁵⁹ Hoje Nitra, na região Ocidental da Eslováquia.

⁶⁰ Al-Idrīsī refere-se aqui certamente às guerras conduzidas pelos húngaros para defenderem a costa da Croácia (Dalmácia) contra o poder veneziano, durante os reinados de Estêvão II (1116-1131) e de Béla II (*o Cego*, 1131-1141) (KRISTÓ, 1993, p. 135-137, 139).

⁶¹ Hoje Bjelovár, na Croácia.

A cidade de S.y.k.lāw (= Siklós) fica situada na margem do rio, no lado Sul⁶². É uma grande e bonita cidade, com edifícios, mercados e todos os tipos de riqueza. Nos seus montes encontra-se minério de ferro de qualidade excelente⁶³. Nenhum outro ferro ultrapassa a qualidade deste, quer no que respeita à capacidade de corte, quer em relação à ductilidade.

De B.w.z.h (=?) até Š.b.r.w.n.h (= Sopron) são três dias, caminhando para Norte. De B.w.z.h (=?) até G.r.māy.š.h (= Krems) é a mesma distância para Noroeste. De G.r.māy.š.h (= Krems) até Š.b.r.w.n.h (= Sopron) são sessenta milhas de distância. De Š.b.r.w.n.h (= Sopron) até 's.t.r.g.w.n.h (= Esztergom), a distância é de oitenta milhas."

"Clima 6.º, Parte 3.ª"⁶⁴

Quanto ao país de B.'āmy.h, entre as suas famosas cidades encontram-se Bās.w (= Vác), 'k.rāh (= Eger), 'b.y.h (= Viena?) e B.t.s (= Pécs?).

Entre as cidades de K.r.n.tār.h (= Caríntia e Panónia) encontram-se S.y.k.lāw.s (= Siklós), B.d.wār.h (= Budavára), B.l.g.rāt.h (= Székesfehérvár), 's.t.r.k.w.n.h (= Esztergom), S.b.r.w.n.h (= Sopron), G.r.mās.y.h (= Krems), T.y.tl.w.s (= Titel)⁶⁵, N.y.t.r.m (= Nyitra), 'f.r.n.k.b.y.l.h (= Franca Villa, Nagyolaszi)⁶⁶ e 'r.y.n.y.h (= Győr?).

Entre as cidades de 'n.k.r.y.h (= Hungria) encontram-se H.n.k.b.r (= Ungvár)⁶⁷, S.n.t (= Csanád)⁶⁸, B.k.s.y.n (= Bács)⁶⁹, Ğ.r.n.g.rāt.h (= Csongrád), Kāw.n.war (= Kevevár)⁷⁰, B.l.g.r.d.w.n (= Belgrado), 'f.r.n.y.s.fū (Barancs, Branicevó)⁷¹, T.n.y.s.b.r (= Temesvár)⁷² e Wāl.b.h (= Gyulafehérvár)⁷³.

Entre as cidades de S.s.w.n.y.h (= Saxónia) encontram-se H.r.b.r.d (= Erfurt?), W.d.n.b.-r.k.h (= Osnabrück), N.y.w.n.b.r.k (= Nienburg), Hāl.h (= Halle) e M.s.l.h (= Mesn?, Meissen?).

Entre as cidades de B.l.w.n.y.h (= Polónia) encontram-se 'k.rāk.l (= Cracóvia), Ğ.nār.y.h (= Gniezno), T.y.s.lāb.h (= Wrocław) e S.r.-m.l.y (Przemysł).

E agora, com o poder do Deus, como já fizemos antes, vamos falar sobre a fama delas. A cidade de B.lāh (= Villach) é na terra de K.r.n.tār.h (= Caríntia), ao lado do D.r.w.h (= Rio Dráva). É uma

⁶² Na realidade, a cidade de Siklós fica situada a Norte do rio Dráva.

⁶³ São os montes baixos das regiões de Zselic e de Mecsek, onde vários topónimos de origem medieval aludem à extracção de minério de ferro.

⁶⁴ A terceira parte do *Clima 6.º* contém a descrição das seguintes regiões: B.'ām.y.h (= Boémia, mais exactamente a faixa oriental de *Noricum* e o Norte da Hungria), e os países 'n.k.r.y.h (= Hungria), B.l.w.n.y.h (= Polónia), Š.s.w.n.y.h (= Saxónia) e R.mān.y.h (= províncias bizantinas na margem do Danúbio).

⁶⁵ Hoje Тител/Titel, na Sérvia.

⁶⁶ Hoje Vlachy na Eslováquia. O nome latino *Franca Villa* refere-se à origem dos primeiros habitantes que, segundo as fontes escritas, chegaram da Valónia como *hóspedes* privilegiados do rei húngaro.

⁶⁷ Hoje Унґорол/Uzhhorod, na Ucrânia.

⁶⁸ Cidade de Csanad, actualmente na Roménia.

⁶⁹ Hoje лал/Bacs, na Sérvia.

⁷⁰ O Castelo de Keve é hoje a cidade de Ковил/Kovin na Sérvia, com habitantes sérvios, húngaros, romenos e ciganos.

⁷¹ Hoje БраилЧево/Braničevo, na Sérvia.

⁷² Hoje Timișoara, na Roménia.

⁷³ Trata-se do centro da diocese da Transilvânia, na Hungria medieval, fundada pelo Rei Estêvão I, em 1009. Hoje, como cidade romena ostenta um nome *latinizado*: Alba Iulia.

cidade bonita, tem fazendas numerosas e campos grandes com águas e rios abundantes. Já mencionámos, anteriormente, como tinha sido em tempos passados.

Daqui até à cidade de B.l.g.rāt.h (= Székesfehérvár) são sessenta milhas para Norte. A cidade de B.l.g.rāt.h (= Székesfehérvár) fica mais distante do rio mencionado. Esta cidade é bonita e majestosa, com muitos edifícios e muros fortes. Encontram-se feiras populosas, indústria, comércio activo e instituições numerosas. Os campos são férteis e produzem muitos cereais e sorgo.

De B.l.g.rāt.h (= Székesfehérvár) até a cidade de B.w.zān.h (= Pozsony), no D.n.w (= Rio Danúbio), são trinta e cinco milhas de distância. É uma cidade mediana com numerosos edifícios e muitos habitantes. Há boas condições de vida, instituições activas e os edifícios estão muito juntos.

Da cidade de B.w.zān.h (= Pozsony) até B.d.wār.h (= Budavára) são sessenta milhas. B.d.wār.h (= Budavára) encontra-se na margem do D.n.w (= Rio Danúbio). Entre B.w.zān.h (=Pozsony) e B.d.wār.h (= Budavára) desemboca o Rio D.r.w.h (= Rába)⁷⁴ no Rio D.n.w (= Rio Danúbio). B.w.zān.h (= Pozsony) é a última cidade da K.r.n.tār.h (= Caríntia e Panónia).

De B.l.g.rāt.h (= Székesfehérvár) a ‘.s.t.r.k.u.n.h (= Esztergom) são trinta milhas. Da mencionada cidade de B.d.wār.h (= Budavára) a N.y.t.r.m (= Nyitra) são setenta milhas para Norte. E da cidade de B.w.sān.h (= Pozsony) até N.y.t.r.m (= Nyitra) são setenta milhas para Nordeste. O D.n.w (= Rio Danúbio) corre da cidade de B.w.sān.h (= Pozsony) para Sul e depois o seu curso dirige-se para Leste até à cidade de B.d.wār.h (= Budavára), chegando-lhe pelo Norte.

N.y.t.r.m (= Nyitra) é uma cidade populosa e civilizada com muitas terras. Situa-se numa planície que é regada pelos rios. Nas fazendas prósperas as pessoas vivem excelentemente e com elevada riqueza. Tem vinhas e terras bem cultivadas. Da cidade N.y.t.r.m (= Nyitra) a ‘.k.r.h (= Eger) são quarenta milhas para Norte⁷⁵; ‘.k.r.h (= Eger) pertence a B.’ām.y.h (= Boémia; correctamente, Hungria).

Na terra de B.’ām.y.h (= Boémia; correctamente, Hungria) nascem dois rios. Estes correm primeiramente para Oeste, viram depois gradualmente para Sul e perto de B.w.zān.h (= Pozsony) desembocam no D.n.w (= Rio Danúbio). Estes dois rios nascem num monte chamado B.l.wāk (= Cárpatos). Este monte separa o país de B.’ām.y.h (= Boémia; correctamente, Hungria) do de B.l.w.n.y.h (= Polónia). Primeiramente, os dois rios fluem separadamente e depois unem-se no D.n.w (= Rio Danúbio), como mencionámos.

Ao lado destes dois rios estão ‘.k.r.h (= Eger) e B.t.s (=?). B.t.s é uma cidade pequena, mas com muitos edifícios, terras e aldeias.

De ‘.k.r.h (= Eger) à cidade de B.t.s (=?) são quarenta milhas para Nordeste; a distância de ‘.k.r.h (= Eger) até ‘.r.y.n.h (= Győr?), a Leste, é de oitenta milhas. Esta é pequena, mas tem numerosos edifícios.

De ‘.r.y.n.h (= Győr?) até à cidade de B.k.s.y.n (= Bács) no D.n.w (= Rio Danúbio), para Sul, são sessenta milhas de distância⁷⁶. B.k.s.y.n (= Bács) é famosa e considerada entre as outras grandes cidades. Aqui encontram-se mercados, lojas e homens de ciência gregos⁷⁷. [Os habitantes] têm fazendas e terras cultivadas. E o trigo é muito barato porque abunda na região.

⁷⁴ De acordo com a transcrição da palavra árabe poderá ler-se Drava, rio que se localiza em outra parte da Hungria. Deve ser, portanto, o rio Rába (em alemão Raab e em latim *Arrabo*).

⁷⁵ Na realidade, a cidade de Eger situa-se a Sudoeste de Nyitra.

⁷⁶ Na realidade, a distância entre as cidades de Győr e Bács é muito superior.

⁷⁷ Referência à existência de influências culturais bizantinas na parte Sul da Hungria.

Da cidade *B.k.s.y.n* (= Bács) até à cidade de *Kāw.n* (= Keve) são sessenta milhas para Leste. *Kāw.n* (= Keve) é uma grande e florescente cidade na margem do *D.n.w* (Rio Danúbio), com mercados e indústria artesanal. Da mencionada cidade de *‘.k.r.h* (= Eger) até *Kāw.n* (= Keve) são cento e sessenta milhas.

De *‘.k.r.h* (= Eger) até à cidade de *Bās.w* (= Vác), já mencionada, são oitenta milhas para Sudoeste. A cidade de *Bās.w* (= Vác) situa-se na terra de *B.‘ām.y.h* (= Boémia; correctamente, Hungria).

De *Bās.w* (= Vác) até à cidade de *M.s.s.l.h* (= Mesn ou Meissen?), que também se chama de *M.s.l.h*, são cento e cinquenta milhas de distância. É uma cidade bonita com muitos jardins e pomares e campos grandes que se tocam. Tem muros fortes e mercados movimentados.

A Leste da cidade antes mencionada fica *S.y.k lāw.s* (= Siklós), e daí até *‘.f.r.n.k b.y.l.h* (= Franca Villa, Nagytolosa) são oitenta milhas.

‘.f.r.n.k b.y.l.h (= Franca Villa, Nagytolosa) é uma grande e bonita cidade campestre e os habitantes bebem a água dos poços e fontes. Encontra-se nela muita riqueza e abundância e muitas coisas agradáveis, mas a maioria dos habitantes é caracterizada pela vida nómada⁷⁸.

De *‘.f.r.n.k b.y.l.h* (= Franca Villa, Nagytolosa) até à cidade de *‘.b.r.n.d.s* (= Barancs) são cinquenta milhas para Nordeste⁷⁹. *‘.b.r.n.d.s* (= Barancs) é uma cidade civilizada, com vários mercados e edifícios. Situa-se debaixo de um monte, numa depressão.

Daqui até a *Kāw.n* (= Keve), que se encontra na margem do *D.n.w* (= Rio Danúbio), são setenta milhas. Similarmente, de *‘.b.r.n.d.s* (= Barancs) até *B.k.s.y.n* (= Bács) também são setenta milhas. *B.k.s.y.n* (= Bács) fica a Leste de *Kāw.n* (= Keve). *Kāw.n* e *B.k.s.y.n* são duas majestosas cidades com muitos habitantes e muito movimento. Entre as cidades de *‘.n.k.r.y.h* (= Hungria) são as mais urbanizadas e bem construídas e têm a maior riqueza e o maior número de herdades.

Agora, voltando ao ponto anterior, podemos dizer que da mencionada cidade de *B.d.wār.h* (= Budavára) até *T.y.t.l.w.s* (= Tittel) junto ao rio, para Leste, são setenta e cinco milhas de distância; entre *T.y.t.l.w.s* (= Tittel) e *B.k.s.y.n* (= Bács) são também setenta e cinco. *T.y.t.l.w.s* (= Tittel) fica situado na margem Norte do rio. Tem muitos habitantes e gados, a gente é muito abastada e vive em riqueza e abundância. Os habitantes de toda esta região – estou a referir-me aos habitantes do país de *‘.n.k.r.y.h* (= Hungria) – são camponeses, tratam da agricultura e da ganadaria, têm campos cultivados e aldeias⁸⁰. Faz fronteira com a terra de *‘.s.k.l.w.n.y.h* (= Eslavónia)⁸¹.

Os venezianos obtiveram a maior parte de *‘.s.k.l.w.n.y.h* (=Eslavónia) que ficou sob o seu domínio. Antes, a maioria do território estava submetida ao rei de *‘.n.k.r.y.h* (= Hungria), mas [os venezianos] conquistaram-na⁸².

Em continuação podemos dizer que do Sul de *T.y.t.l.w.s* (= Tittel) até *‘.f.r.n.k b.y.l.h* (= Franca Villa, Nagytolosa) ...⁸³ milhas. De *‘.f.r.n.k b.y.l.h* (= Franca Villa, Nagytolosa)

⁷⁸ Não sabemos o sentido exacto que al-Idrīsī atribui à palavra *nómada*. Nesta passagem poderá referir-se a uma população de origem incerta (provavelmente pechenegues), que variava o seu modo de viver ao longo do ano.

⁷⁹ Direcção e distância erradas.

⁸⁰ Referências claras a um território onde já dominava a vida sedentária no século XII.

⁸¹ Região da Croácia moderna. Originalmente, correspondia à região Ocidental, entre os rios Drava e Sava, que, a partir do século XI, passou a integrar o reino húngaro como território autónomo.

⁸² Referência às guerras entre o reino húngaro e a república de Veneza pelo domínio da Dalmácia. Durante o reinado de Estêvão II, os húngaros perderam a costa dalmata, mas com Bela II reconquistaram esses importantes territórios (KRISTÓ, 1993, p. 135-139).

⁸³ Falta texto no manuscrito.

até *Kāw.n* (= Keve) são cem milhas. Do Sudoeste de *'f.r.n.k b.y.l.h* até *'k.w.l.y.h* (= Aquileia), na terra de *'s.k.l.w.n.y.h* (= Eslovânia), são setenta milhas, mas também dizem que *'k.w.l.y.h* (= Aquileia) faz fronteira com a terra de *'s.k.l.w.n.y.h* (= Eslovânia).

De *'k.w.l.y.h* (= Aquileia) até à cidade de *S.y.k lāw.s* (= Siklós) são também setenta milhas. *'k.w.l.y.h* (= Aquileia) fica na terra de *'s.k.l.w.n.y.h* (= Eslovânia). Tem regiões extensas com todos os tipos de tesouros naturais. Situa-se no sopé dum monte e foi fortificada contra os ataques dos venezianos.

De *'k.w.l.y.h* (= Aquileia) até à cidade de *B.lāh* (= Villach) são noventa milhas e de *B.lāh* até *B.l.g.rāt.h* (= Székesfehérvár), sessenta. Similarmente, de *B.lāh* (= Villach) até *'f.r.y.zāk* (= Friesach) são cinquenta milhas, de *'f.r.y.zāk* (= Friesach) até *R.n.g b.r.k* (= Regensburg), que se encontra na terra de *Bāb.y.r* (= Baviera), cem milhas. *'f.r.y.zāk* (= Friesach), *B.lāh* (= Villach) e *'k.w.l.y.h* (= Aquileia) fazem fronteira com a terra de *K.r.n.tār.h* (= Caríntia e Panónia).

Da cidade de *'f.r.n.k b.y.l.h* (= Franca Villa, Nagytolási) até *'b.r.n.d.y.s* (= Barancs) são cinquenta milhas, de *'b.r.n.d.y.s* (= Barancs) até *Bān.y.h* (= ?), que se situa na margem do rio (= Lim?), são setenta e cinco. Esta é pequena mas urbanizada, e tem uma fortaleza na margem do rio. Este rio desemboca entre *Kāw.n* (= Keve) e *B.l.g.r.d.w.n* (= Belgrado).

Depois, de *Bān.y.h* (= ?) até *'b.lān.h* (= Plana)⁸⁴ a distância é de noventa milhas. Esta cidade é florescente.

De *'b.lān.h* (= Plana) até *R.b.n.h* (= Ravnó)⁸⁵ são cento e vinte milhas. *R.b.n.h* (= Ravnó) é uma grande e florescente cidade; do Sul de *'b.lān.h* (= Plana) até *Gān.l* (= Konavle?) são quatro dias de distância. Os venezianos ocuparam a terra desta cidade e destruíram-na. A cidade fica ao lado de um grande rio, que daqui corre até à cidade de *N.y.s.w* (= Niš)⁸⁶. Entre as duas cidades são quatro dias a caminhar, mas pelo rio a distância reduz-se a apenas dois dias.

De *N.y.s.w* (= Niš) até *R.b.n.h* (= Ravnó) são cinquenta milhas. De *Bān.y.h* (= ?), a o Norte, até *B.l.g.r.d.w.n* (= Belgrado) são cinco dias a caminhar, de *Bān.y.h* (= ?) até *Kāw.n* (= Keve) são cem milhas. E de *Kāw.n* (= Keve) até *B.l.g.r.d.w.n* (= Belgrado) são setenta milhas, o que significa dois dias a caminhar, mas pelo rio é menos.

B.l.g.r.d.w.n (= Belgrado) é uma cidade florescente, com muita gente e grandiosas igrejas. Daqui até *'f.r.n.y.s.fā* (= Barancs) são setenta e cinco milhas, e pelo rio são dois dias. *'f.r.n.y.s.fā* (= Barancs) é uma cidade grande e florescente.

De *B.l.g.r.d.w.n* (= Belgrado) até *R.b.n.h* (= Ravnó) são cento e cinquenta milhas, através da planície. E de *R.b.n.h* (= Ravnó) até *'f.r.n.y.s.fā* (= Barancs) são mais ou menos dois dias a caminhar, mas dizem que [a distância] é de cem milhas. Esta cidade fica numa planície constituída por terras férteis. Tem grande tráfego, preços baixos, pomares eternos, águas abundantes e regiões extensas. Há nela comércio contínuo e a sua riqueza abrange tudo. Pertence às cidades de *M.k.d.w.n.y.h* (= Sérvia?)⁸⁷.

⁸⁴ Hoje Велика планa /Velika Plana, na Sérvia.

⁸⁵ Hoje Равно Село/Ravno Selo, na parte Norte da Sérvia. A forma húngara é Ravnó, mas o seu nome era originalmente Sóvé.

⁸⁶ Informação imprecisa, uma vez que junto de Ниш /Niš não é possível identificar nenhum grande rio. O rio mais próximo que desemboca no mar é o rio Neretva, que nasce longe da cidade de Niš.

⁸⁷ A utilização do nome Macedónia (segundo a transcrição da palavra árabe) está errada, porque a cidade de Niš fica distante da província bizantina denominada Macedónia, no actual território da Bulgária.

Daqui até N.y.s.w (= Niš) são cinquenta milhas. N.y.s.w também é uma cidade de M.k.d.w.n.y.h (= Sérvia?). No próximo capítulo iremos descrever também as outras partes do país de M.k.d.w.n.y.h, se Deus nos ajudar e nos der forças. Continuando.

De Kāw.n (= Keve) em direcção à terra de ‘n.k.r.y.h (= Hungria) o caminho dirige-se para Norte; a maioria de ‘n.k.r.y.h encontra-se entre os rios Š.n.t (= Rio Maros) e T.y.s.yā (= Rio Tisza). Estes dois rios nascem juntos nas montanhas de K.r.k.w (= Cárpatos), que separam a ‘n.k.r.y.h (= Hungria) da B.l.w.n.y.h (= Polónia) e da terra de Mağūs (= Halics, país dos cumanos?)⁸⁸. Os dois rios fluem juntos para Oeste. Depois, à distância de oito dias das suas fontes, encontram-se e unem-se. Este [rio] segue para Sul e, à distância de oito dias, desemboca no D.n.w (= Rio Danúbio), entre B.k.s.y.n (= Bács) e Kāw.n (= Keve).

De Kāw.n (= Keve) até Š.n.t (= Csanád) a viagem demora quatro dias; esta cidade encontra-se a Leste do rio. É uma cidade florescente, bela e civilizada.

Daqui até à cidade de Ğ.r.n.g.rāt.h (= Csongrád), viajando ao lado do rio, são três dias a caminhar. É uma cidade grande e florescente, com feiras e todos os tipos de riqueza. Daqui até T.n.y.s.b.r (= Temesvár), caminhando também ao lado do rio, são quatro dias, ou seja, cento e vinte milhas. T.n.y.s.b.r (= Temesvár) é uma cidade bonita com muita riqueza, ao Sul do T.y.s.yā (= Rio Tisza).

De Ğ.r.n.g.rāt.h (= Csongrád) pode-se ir à cidade de Wāl.b.h (= Gyulafehérvár), a qual fica à distância de cinco dias a caminhar. Saindo da cidade até à desembocadura do T.y.s.yā (= Rio Tisza) são cinco dias a caminhar. Depois, na margem do Š.n.t (= Rio Maros?)⁸⁹, tem que se caminhar durante quatro dias até à cidade de Wāl.b.h (= Gyulafehérvár). Esta é uma cidade independente e florescente na margem Norte do Š.n.t (= Rio Maros?).

Da cidade de Wāl.b.h (= Gyulafehérvár) até T.n.y.s.b.r (= Temesvár)⁹⁰ são quatro dias a caminhar, entre campos cultivados, quintas e regiões férteis. Este caminho que demora quatro dias corre entre os dois rios.

De Wāl.b.h (= Gyulafehérvár) até H.n.k.b.r (= Ungvár) no Oeste, o caminho demora cinco dias. H.n.k.b.r (= Ungvár) é uma cidade grande e florescente, faz fronteira com a terra de B.l.w.n.y.h (= Polónia).”

Abū Hāmid al-Garnāti: *Tuhfat al-albāb*⁹¹

Abū Hāmid ibn Abd al-Rahīm al-Garnāti al-Andalusī (1100?-1169/1170) nasceu em Granada. Como jurista, *missionário* muçulmano, comerciante e diplomata eventual ou simplesmente como uma pessoa que durante a sua vida sempre tentou aumentar os seus conhecimentos, realizou

⁸⁸ É curioso que a denominação *Mağūs* tenha um sentido diferente na obra de al-Idrisī. Refere-se, provavelmente, aos cumanos ou a Halics. Este último é o nome húngaro da Galícia, região histórica da Europa Oriental, que abrangia a parte Ocidental da actual Ucrânia e o Sul da Polónia. O topónimo deriva da cidade de Halych, na Ucrânia.

⁸⁹ Em romeno Mureş.

⁹⁰ Ver nota 72.

⁹¹ No nosso trabalho utilizámos a tradução espanhola da obra de Abū Hāmid, da autoria de Ana Ramos (RAMOS, 1990, p. 65-70). A fim de completarmos as notas da tradutora espanhola usámos a edição húngara do texto de Abū Hāmid (ABU HĀMID, 1985).

viagens extraordinárias, durante as quais esteve nos mais importantes lugares culturais do Islão (Alexandria, Cairo e Bagdade). Também conseguiu visitar e ultrapassar as fronteiras do mundo muçulmano. Em 1130, atravessando por Abhar e Ardabil chegou à cidade de Derbent, junto da cordilheira do Cáucaso. Instalou-se na cidade de Saksin, florescente centro comercial na margem do Baixo Volga. De lá atingiu a terra dos búlgaros do Volga, em 1135. Em 1150 visitou os territórios russos, navegando nos rios Volga e Oka, tendo chegado a Kiev. De Kiev viajou para a Hungria, onde passou três anos, entre 1150 e 1153. Em 1153 decidiu voltar a Saksin, deixando na Hungria o seu filho e a escrava que aí comprara. Embora na cidade de Saksin também o esperassem as suas esposas, concubinas e filhos, Abū Hāmid não regressou de imediato. Através da Kwarezmia, decidiu realizar o *Hajj*, deslocando-se à cidade de Meca. Em 1155 apareceu de novo em Bagdade. Daí quis regressar à Hungria, como prometera ao rei Géza II, mas acabou por não poder realizar esse plano. Inspirado pelos seus ouvintes, decidiu começar a escrever as suas experiências e aventuras. Completou duas obras e acabou por falecer na Síria.

Os seus trabalhos são muito importantes porque, além de Ahmad ibn Fadlān, Abū Hāmid é o único escritor muçulmano que nos informa sobre os povos das regiões fronteiriças entre a Europa e a Ásia, englobando também o espaço húngaro. As condições sociais e culturais dos países visitados representam as partes mais significativas dos seus relatos. As informações escritas, particularmente acerca das etnias muçulmanas e sobre as relações exteriores e as condições de vida do reino magiar na segunda metade do século XII, são essenciais para os investigadores húngaros, apesar da obra conter exageros vários e dados incertos de difícil verificação.

“[EL PAÍS DE BĀŠGIRD = HUNGRÍA]

[27] [El país de Hungría]

Llegué luego a Hungría, donde vive una gente que llaman Bāšgird⁹², procedentes de los primeros pueblos que vinieron de la tierra de los turcos y entraron en la tierra de los Afranġ⁹³. Son valientes e innumerables.

Su país, llamado Hungría, consta de setenta y ocho ciudades, cada una de las cuales tiene muchas fortalezas, aldeas, alquerías, montes, selvas y jardines⁹⁴. Viven allí incontables millares de

⁹² É interessante que, além do nome árabe da Hungria (*Unquriyya*), também usado frequentemente, o autor mantém, mesmo no século XII, a antiga tradição literária muçulmana, segundo a qual os húngaros são identificados como um povo turco. Assim, chama ao país dos húngaros *Bāšgird*. Este facto, bem como a utilização do nome *bāšgirdes* para os habitantes (húngaros), causa uma certa confusão, uma vez que os *bāšgirdes* do rio Volga aparecem já mencionados por Ibn Fadlān, no século X. A relação deste povo com os húngaros é incerta. Em todo o caso, devemos referir que, na Idade Média, a Basquícia foi identificada como a *Magna Hungaria*, onde o padre dominicano húngaro, Julianus, em 1235-1237, encontrou pessoas com as quais pôde comunicar em húngaro (?). Muito provavelmente podemos identificá-las com aqueles grupos de húngaros que ficaram junto ao rio Volga, não tendo migrado para Ocidente, e que logo se dissolveram após a invasão mongol (SINOR, 1958, p. 531-538; KRISTÓ, 1993, p. 200, 202). Deste modo, não se devem confundir com a nação moderna dos *basquies*, formada depois de 1236, data do ataque mongol contra as terras russas e os territórios vizinhos, isto é, contra os povos que viviam nas margens do rio Volga.

⁹³ A palavra árabe *franġ* (ou *ifranġ*) significa *francos*, ou seja, *ocidentais*. Deste modo, na obra de al-Garnāti, o país dos húngaros faz parte do Mundo Ocidental.

⁹⁴ Devem ser todos os centros urbanos de tamanhos diferentes ou todos os lugares fortificadas da parte Ocidental do país, onde os havia mais numerosos. De acordo com a descrição de al-Idrīsī, o número de cidades que ficavam no interior

*descendientes de magribíes y millares, asimismo incontables, de descendientes de gente de Juwārizm*⁹⁵. *Los de Juwārizm sirven a los reyes y aparentan ser cristianos, aunque practican el Islam en secreto. En cambio, los descendientes de magribíes no sirven a los cristianos más que en la guerra, y practican el Islam públicamente*⁹⁶.

Entré en relación con los descendientes de magribíes, que me honraron mucho. Yo les di algunas enseñanzas científicas, hice algunos de ellos se soltaran en hablar árabe, y me esforcé para que repitieran y practicasen con asiduidad los deberes de la oración ritual y las demás prescripciones litúrgicas. Asimismo les resumi la doctrina sobre la peregrinación y la partición de herencias; ciencia, esta última, que comenzaron a aplicar.

*Uno de ellos me dijo: « – Deseo copiar los libros y aprender de ellos». Como hablaba bien el árabe, le contesté: « – Esfuérzate en aprender de memoria las cosas, compréndolas bien, y no hables nunca por lo que dice el libro, sin isnād*⁹⁷. *Si así procederes lograrás lo que deseas». Él me replicó: « – ¿Pero no has sostenido que el Profeta – ¡a quien Dios bendiga y salve! – decía: Atad la ciencia con la escritura?» « – En el libro – le atajé – no hay ciencia. No hay más que escritura que guía a la ciencia, la cual sólo es tal cuando es retenida en la memoria, porque la ciencia no es más que el atributo del sabio». Y le recité estos versos míos (basīt):*

La ciencia está en mi corazón, no está en los libros.

No te enamores de frivolidades y devaneos.

*Y estos otros, míos también (ramal)*⁹⁸:

Si escribes la ciencia, como echándola en un azafate,

Y no te la aprendes de memoria, jamás triunfarás.

El único que triunfa es el que se la aprende,

Después de entenderla y de precaverse del error.

Y proseguí: « – Cuando te sepas algo de memoria, entonces escríbelo de memoria, pues será ciencia que atarás en el libro [para que no se vaya]. Pero si escribes tomándolo de un libro, serás una copia, y no serás ciencia en absoluto. Entiende bien esto».

No conocían la oración pública del viernes, y aprendieron a hacerla y a tener el obligado sermón. Yo les explicaba: « – El Profeta – ¡a quien Dios bendiga y salve! – ha dicho: La oración del viernes es la peregrinación de los pobres: al que no puede hacer la peregrinación, pero asiste a la oración del viernes, le será escrito el premio de la peregrinación». Hoy, entre ellos, bien públicamente, bien en secreto, se predica el sermón del viernes en más de diez mil lugares, pues su território es muy extenso.

do reino húngaro (*Hungria histórica*) era apenas de 28, algumas das quais não conseguimos identificar. Segundo o texto de Abū Hāmid, a Hungria parece ser um país desenvolvido e poderoso, rico em minerais e outros recursos naturais. Já segundo outra descrição contemporânea, a de Otão de Freising, eram notórios os traços bárbaros dos habitantes, imagem esta que resulta largamente da conflitualidade entre alemães e húngaros (OTTONIS, 1868, p. 368-369).

⁹⁵ Segundo a opinião dos investigadores, al-Garnāṭī usa a palavra *magribī* para desinar o povo *peceneg/patzinak* que, no século XII, era a mais importante minoria de origem turca no reino húngaro. *Juwārizm* significa Khwarezmia.

⁹⁶ Não sabemos exactamente a razão desta distinção, mas é provável que os soldados muçulmanos, como mercenários pessoais do rei cristão da Hungria, tivessem menos oportunidade de praticar publicamente a sua religião. É igualmente provável que esta situação não fosse muito bem vista por certos membros da Corte e da hierarquia da Igreja Católica.

⁹⁷ Da palavra árabe *sanad* (sustento). É muito importante a lista das autoridades que transmitiram o *hadith* em forma de cadeia oral. Essas cadeias são essenciais na hora de determinar a validade e o alcance da tradição (*The Encyclopaedia of Islam*, 1954/57, IV, p. 207).

⁹⁸ *Basīt*, *ramal*: formas métricas da poesia árabe (*The Encyclopaedia of Islam*, 1954/57, I, p. 667-677, VIII, p. 421-422).

[29] [Límites de Hungría. Precios de las cosas. Esclavas compradas por el autor]

Permanecí entre ellos tres años, pero no pude entrar más que en cuatro ciudades. Su país va desde Rūmiyya al-‘uzamà⁹⁹ hasta la frontera de Constantinopla. Hay en él montes de los que se saca oro y plata.

Estas tierras son de las mejor abastecias y donde se vive con mayor desahogo. Veinte ovejas valen un dinār. Quinientos ratl de miel valen también un dinār¹⁰⁰. Una hermosa esclava se adquiere por diez dināres, y, en época de razzia [por país enemigo], puede comprarse una buena esclava o un muchacho rūmi por tres dināres¹⁰¹.

Yo compré a un señor una esclava que ya había parido, cuyos padres y hermanos vivían, por diez dināres. Tenía quince años e era más hermosa que la luna, con los ojos y el pelo negros, [la piel] blanca como el alcanfor. Sabía cocinar, coser y bordar. También adquirí por cinco dināres dos jarras llenas de un panal de miel, con su cera, y le dije: « – Es precioso que purifiques esta miel y le quites la cera». Yo me salí a un poyo que había a la puerta de la casa, donde se reunía la gente. Después de estar sentado con ellos un rato, volví a entrar en la casa, y vi cinco discos de cera pura como el oro y una jarra llena de agua de miel que parecía agua de rosas. La miel había sido purificada y vuelta a las dos jarras, todo ello en una hora. Tuve un hijo de esta esclava, pero murió. Le di la libertad y la llamé Miryam, y hasta pensé llevármela conmigo a Saŷsīn¹⁰²; pero temí el recebimiento que la harían las concubinas turcas hechas madres que yo tenía en Saŷsīn.

[30] [Algara contra los Bizantinos. Informes de prisioneros]

El Rey de Bāšgird devasta con suma frecuencia las tierras de Bizancio, y yo le dije a aquellos musulmanes: « – Esforzaos en hacer la guerra santa en compañía de este rey, y así Díos os inscribirá en vuestra cuenta el mérito de la guerra santa». Efectivamente, salieron con aquel rey a tierras de Constantinopla, derrotaron doce ejércitos del rey de Bizancio y vinieron con un grupo de Turcomanos del ejército de Qūniyya (Konia)¹⁰³. Yo pregunté a algunos de ellos: « – ¿Cómo habéis venido en el ejército del rey de Bizancio?» « – Nos ajustó – contestaron – por doscientos dināres cada uno de nosotros, y nosotros no sabíamos que había musulmanes en esta tierra». Yo les hice salir de nuevo a tierras de Bizancio para que regresasen a Qūniyya (Konia).

⁹⁹ *Grande Constantinopla*. Trata-se de um topónimo incerto, sendo possível que o autor se refira ao Sacro Império Romano Germânico.

¹⁰⁰ *Ratl*: medida de capacidade que varia entre 400 gramas e 1 kilo, dependendo dos lugares (*The Encyclopaedia of Islam*, 1954/57, VI, p. 117-120).

¹⁰¹ *Rūmi*: a palavra vem do nome árabe do Bizâncio (*Rūm*). Aqui significa *servo de origem grega*. Como na maior parte da Europa Medieval, a servidão também existia na Hungria. Até ao século XIV, a sociedade húngara dividia-se, basicamente, em duas partes: as pessoas livres (com diferentes posições sociais) e os indivíduos que não tinham liberdade pessoal e, por isso, podiam ser vendidos como *servos*. Tal como na Península Ibérica, também na Hungria o comércio de servos era um fenómeno corrente (ZSOLDOS, 2001, p. 69-80).

¹⁰² Cidade de *Saŷsīn*, *Saqsīn* ou *Saksīn-Bolgar*, na margem do Baixo Volga. A sua localização é desconhecida, mas devia ficar situada muito perto do lugar onde o líder mongol, Batu, mandou construir a capital da *Horda de Ouro* no século XIII, a cidade de *Sarai Batu* (*The Encyclopaedia of Islam*, 1954/57, VIII, p. 895-898).

¹⁰³ Trata-se de um claro exagero. Sobre as guerras húngaro-bizantinas do séc. XII ver: KRISTÓ, 1993, p. 139-149. O Império bizantino utilizava frequentemente o poder militar dos povos que viviam nas suas vizinhanças. Neste caso trata-se de *turcos seljúcidas*, que começaram a migrar para territórios bizantinos após a Batalha de Manzikert (1071).

El señor de Constantinopla vino a pedir la paz, mediante la entrega de grandes riquezas y de muchos cautivos musulmanes que tenía en su poder. Uno de estos cautivos musulmanes, que había estado en Bizancio, me contó que el rey de Bizancio preguntaba: « – ¿Y por qué viene a mis dominios el rey de Bāšgird y los destruye, si antes no tenía esta costumbre? » « – Es que – le contestaron – el rey de Bāšgird tiene un ejército de musulmanes a los que ha permitido el público ejercicio de su religión, y ellos son los que han hecho salir en campaña contra tu imperio y han desolado tus dominios»¹⁰⁴. Replicó el rey de Bizancio: « – Yo también tengo súbditos musulmanes; pero no combaten conmigo». « – Es que tú – le atajaron – les obligas a ser cristianos». Repuso el rey: « – Desde ahora no forzaré a ningún musulmán a abrazar mi religión, y les construiré mezquitas, para que combaten conmigo»¹⁰⁵.

[31] [El rey de Bāšgird y Abū Hāmid]

El rey de Bāšgird se llama Kazālī, y su reino es muchas veces más importante que el del Señor de Bizancio¹⁰⁶. Sus ejércitos son incontables. Su territorio es mayor que el de Bizancio en veinte jornadas de camino, o más. [El rey] pertenece a la secta Afranš porque con mujeres de ellos se casa; pero hace incursiones contra las tierras de Afranš cautiva a los que puede. Todas las naciones temen su ataque, por los muchos ejércitos de que dispone y su extremo valor.

Cuando se enteró de que yo había prohibido a los musulmanes beber vino y les había permitido tener esclavas concubinas, a más de cuatro esposas legítimas, dijo: « – Eso no es cosa razonable, porque el vino da fuerzas al cuerpo, y en cambio, la abundancia de mujeres debilita el cuerpo y la vista. La religión del Islam no está de acuerdo con la razón». Yo dije entonces al trujamán: « – Dí al rey: La ley religiosa de los musulmanes no es como la de los cristianos. El cristiano bebe vino en las comidas en vez de agua, sin embriagarse, y eso aumenta sus fuerzas. En cambio, el musulmán que bebe vino no busca sino embriagarse hasta el máximo, pierde la razón, se vuelve loco, comete adulterio, mata, dice y hace impiedades, no tiene nada bueno, entrega sus armas y su caballo y dilapida cuanto tiene, sólo para buscar su placer. Y, como los musulmanes son aquí tus soldados, si les mandases salir de campaña, no tendrían caballo, ni armas, ni dinero, porque todo lo habrían perdido con la bebida, y tu, al saberlo, o habrías de matarlos, o golpearlos, o expulsarlos, o darles nuevos caballos y armas, que estropearían igualmente. Por lo que respecta a las esclavas concubinas y a las mujeres [legítimas], a los musulmanes les conviene concubinas y la poligamia a causa del ardor de su temperamento. Además, puesto que forman tu ejército, cuantos más hijos tengan, más serán tus soldados». Dijo entonces el rey: « – Escuchad a este jeque, que es hombre muy sensato, casaos cuantas veces quisieréis y no le contradigáis». De esta

¹⁰⁴ A presença dos mercenários muçulmanos documenta as intensas relações orientais mantidas pelos reis húngaros da Casa dos Arpades. A utilização de arqueiros montados (de origem muçulmana e persa) em contingentes de cavalaria ligeira, também era uma prática bem conhecida em Bizâncio. Por exemplo, na Batalha de Zimony (8 de julho de 1167), quando os húngaros foram derrotados pelas tropas do imperador Manuel I, em ambos os lados combateram aquele tipo de guerreiros (MORAVCSIK, 1970, p. 85-86).

¹⁰⁵ Referência à atitude tolerante mencionada na Introdução, que caracterizava o reino húngaro naquela época.

¹⁰⁶ Trata-se de um claro exagero. Embora durante o reinado de Géza II (1146-1162) a Hungria existisse como um país poderoso e militarmente forte na região da Europa Central, a verdade é que o poder e a importância militar de Bizâncio era muito superior.

*suerte, aquel rey, que amaba a los musulmanes, se desentendió de los sacerdotes cristianos y permitió que se tuviesen esclavas concubinas*¹⁰⁷.

[32] [El autor deja a su hijo]

Dejé entre ellos a mi hijo mayor Hāmid. Cuando lo dejé tenía más de treinta años. Se casó con dos mujeres, hijas de musulmanes respetables, y tuvo sucesión. Era valiente y de mérito. Cuando era niño, yo le daba medio dāniq¹⁰⁸ por cada cuestión que se aprendía de memoria.

[36] [El autor sale de Bāšgird]

Solicité del rey de Bāšgird que me permitiese salir a tierra musulmana, por Saʿysīn, diciendo: « – Allí tengo mis hijos y mi familia, y yo volveré a ti, si Dios quiere». Me contestó: « – Dejarás aquí a tu hijo mayor Hāmid, y yo haré que vaya contigo un mensajero musulmán que me reúna y traiga gente débil y pobre, musulmanes y turcos, que sepan bien disparar las flechas». Y, en efecto, escribí para mí una carta al rey de los Saqāliba¹⁰⁹, y la selló con un sello de oro rojo que llevaba la efigie del rey¹¹⁰.

La persona que envié conmigo era un hombre llamado Ismāʿil b. Hasan, que había sido mi discípulo e era uno de los hijos de los emires musulmanes valientes que no se recataban de exteriorizar cuál era su religión. Con él iban sus criados y un grupo de sus amigos.”

Conclusão

Ao longo do nosso trabalho procurámos apresentar as obras, presentemente conhecidas, daqueles autores hispano-muçulmanos que nos deixaram variadas informações sobre os húngaros, desde as suas primeiras incursões na Europa Central, até à época mais esplêndida do reino húngaro, já cristão, entre os séculos IX e XII.

Desde o início do século XIII que se verificaram mudanças importantes na Hungria. Paralelamente à diminuição da presença e da influência muçulmana na Península Ibérica, também a base política e económica da autoridade dos reis da Hungria começou a declinar, embora o seu poder dinástico e carismático se mantivesse. Entre os diferentes problemas que então se começaram

¹⁰⁷ As razões pelas quais “este rey amaba a los musulmanes” eram muito mais prosaicas. Por um lado, o rei Géza II necessitava de tropas *professionais* que dependessem apenas de si. Por outro lado, os comerciantes e banqueiros muçulmanos desempenhavam um papel muito importante na vida económica do reino húngaro, nomeadamente como cambistas e cobradores de impostos (BEREND, 2001, p. 122-123, 127, 239). Abū Hāmid, durante a sua estadia na Hungria e enquanto muçulmano, pode muito bem ter sido um excelente elo de relacionamento entre o monarca húngaro e os fiéis do Islão que viviam no território.

¹⁰⁸ *Dāniq*: um tipo de moeda metálica (*The Encyclopaedia of Islam*, 1954/57, IX, p. 592-598).

¹⁰⁹ A bem conhecida palavra árabe para designar os povos eslavos, parece aludir aqui a um *Estado* dos eslavos orientais, do Rús Quievana (Principado de Kiev), que, nesta época, existia como *Estado* dividido em vários pequenos principados (MILNER-GULLAND-DEJEVSKY, 1998, p. 44-45). Para atingir a terra dos turcos, Abū Hāmid teve de atravessar vários territórios destes eslavos, contra os quais o reino húngaro entrou várias vezes em guerra, entre os séculos XI e XIII.

¹¹⁰ Ao promover deste modo a missão diplomática de Abū Hāmid na terra dos turcos, o rei húngaro pretendia atrair arqueiros montados como mercenários para as tropas reais da Hungria.

a manifestar, destaque-se o ataque dos mongóis, na Primavera de 1241, que, embora não tenha destruído o país, alterou consideravelmente o povoamento do território. Deste modo, causou igualmente várias mudanças no panorama étnico e religioso da Hungria: após 1241-1242 já não temos fontes escritas sobre aquelas aldeias da Grande Planície Húngara, onde antes vivia a maioria da população muçulmana¹¹¹. Podemos dizer que aquela *convivência* que caracterizou os primeiros três séculos da presença dos húngaros na Bacia dos Cárpatos, aquele mundo multicultural e multireligioso que foi testemunhado, entre outros, pelos autores citados nas páginas deste trabalho, apesar de não ter desaparecido totalmente, reduziu-se de forma significativa.

Desde a segunda metade do século XIII, o único povo importante de origem oriental e nómada que permaneceu na Hungria foi o cumano, reinstalado na região central do país, cerca de 1246. As comunidades cumanas, em consequência do seu número e da sua importância militar, puderam guardar uma certa autonomia territorial. A participação das suas tropas de arqueiros montados nas guerras dos reis húngaros revela-se nas fontes escritas até ao final do reinado de Luís I, *o Grande* (1342-1382)¹¹². Contudo, até aos últimos anos da centúria, a sua permanência na Hungria implicou que tivessem de desistir do modo de vida tradicional e que se convertessem à fé cristã, circunstâncias estas que ocorreram igualmente entre os restos sobreviventes de outros grupos étnicos¹¹³. Em vez de povos de origem oriental, instalavam-se agora nas regiões abandonadas ou desabitadas do país, povoadores cristãos: eslavos, romenos e povos de diferentes regiões do Ocidente.

O reino da Hungria permaneceria como um espaço privilegiado de contacto e de relação permanente entre o Ocidente e o Oriente. Porém, a sua História posterior revelou que os novos imigrantes chegados nos séculos finais da Idade Média, acabaram por desempenhar um papel extraordinariamente importante.

FONTES E BIBLIOGRAFIA CITADAS

FONTES

ABŪ HĀMID AL-GARNĀTĪ, 1985 – *Abu Hāmid al-Garnāti utazása Kelet- és Közép-Európában 1131–1153*, Budapeste (*A viagem de Abu Hāmid al-Garnāti pelas regiões da Europa Central e do Leste, 1135–1153*).

ABŪ HĀMID AL-GARNĀTĪ, 1990 – *Tuhfat al-albab*, ed. de Ana Ramos, *Abū Hāmid al-Garnāti: Tuhfat al-albab*, Madrid, 1990.

¹¹¹ Cerca de 1220, o escritor muçulmano Yāqūt (1179-1229) ainda encontrou alguns representantes dos húngaro-muçulmanos na cidade de Alepo. Talvez Abū Hāmid se tenha cruzado com os antepassados deles durante a sua visita. Na Síria, Yāqūt apurou, junto de uma escola canónica de jurisprudência islâmica (de Abū Hanīfa), que os referidos húngaro-muçulmanos viviam em 30 grandes aldeias numa região longínqua da Hungria, mas o monarca magiar não lhes permitia que construíssem muros, porque temia eventuais rebeliões da parte deles (a edição crítica da obra de Yāqūt pode ver-se em: YĀQŪT, 1866-1873, I, p. 468-470).

¹¹² PÁLÓCZI HORVÁTH, 1989, p. 52-61, 68-78, 83-85.

¹¹³ O último *comes palatii* (o segundo dignitário do reino húngaro, depois do monarca) de Ladislau IV, Myse (ou Mizse), era também um recém convertido, antes muçulmano. Sobre este assunto ver: WERTNER, 1893, p. 584-587.

- AL-BAQRĪ, 1992 – *Kitāb al-Masālik wa al-Mamālik d'Abu Ubayd al-Bakrī*, ed. de A. P. Van Leeuwen e A. Ferre, Cartago.
- AL-ISTAHRĪ – in *Bibliotheca geographorum arabicorum*, I.
- AL-MAQDISĪ, 1907 – *Kitāb al-bad' wa-l-tāriḥ*, ed. de Clément Huart, *Le livre de la Création et de l'Histoire de Motabhar ben Tāhir el-Maqdisī*, Paris.
- AL-MAS'ŪDĪ, 1861-1877 – *Murūğ al-dhahab*, ed. de Barbier de Meynard-Pavet de Courteille, *Murūğ al-dhahab wa ma'ādin al-jawhar*, I-XI, Paris.
- AL-MAS'ŪDĪ – *Kitāb al-Tanbīh*, in *Bibliotheca geographorum arabicorum*, VIII.
- Annales Bertiniani*, ed. de G. Waitz, in *Monumenta Germaniae Historica. Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum*, I-LXII, Hannover-Leipzig, 1826-1934 (nova edição 1963-1964).
- Annales Iuvanenses maximī*, ed. de H. Bresslau, in *Monumenta Germaniae Historica. Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum*, I-XXXIV, Hannover-Leipzig, 1826-1934 (nova edição 1963-1964).
- Casus Sancti Galli (Crónica de Ekkehard)*, ed. de I. von Arx, in *Monumenta Germaniae historica. Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum*, II.
- Chronicon Venetum*, ed. de G. H. Pertz, in *Monumenta Germaniae Historica. Scriptores*, VII.
- CONSTANTINO VII, 1967 – *De Administrando Imperio*, ed. de R. J. H. Jenkins e Gyula Moravcsik, *Constantine Porphyrogenitus. De administrando imperio. Corpus fontium historiae Byzantinae I*, Washington-Berlim.
- GARDĪZĪ, 1968 – *Zayn al-ahbār*, ed. de °Abd al Hayy Habībī, Teerão.
- Georgius monachus continuatus*, ed. de E. de Muralto, *Georgii Monachi, dicti Hamartoli Chronicon... a diversis scriptoribus... continuatum*, Petropoli, 1859.
- HUDŪD AL-'ĀLAM – ed. de V. V. Barthold, *Hudūd al-'Ālam. Rukopis' Tumanskogo*, Leninegrado, 1930 (tradução inglesa: V. Minorsky, *Hudūd al-'Ālam. 'The Regions of the Word'. A Persian geography 372 A. H. 982 A. D.*, Londres, 1937).
- IBN HAUQAL – in *Bibliotheca geographorum arabicorum*, II (tradução francesa: J. H. Kramers-G. Wiet, *Ibn Hauqal, Configuration de la terre*, I-II, Beirute-Paris, 1964).
- IBN HAYYĀN, 1981 – *Cronica del Califa 'Abdarrahmān III an-Nāsir entre los años 912 y 942 (al-Muqtabis V)*, ed. de M^a. Jesús Viguera e Federico Corriente, Saragoça.
- IBN RUSTA – ed. de M. J. Goenje, in *Bibliotheca geographorum arabicorum*, VII, Leiden, 1870-1892.
- LEÃO VI – *Tactica*, ed. de J.-P. Migne, in *Patrologiae cursus completus. Series Graeca*, CVII, columnas 672-1120, Paris.
- MARVAZĪ – ed. por V. Minorsky, *Sharaf-al-Zamān Tābir Marvazī on China, the Turks and India*, Londres, 1942.
- OTTONIS Episcopi Frisingensis – *Chronicon*, Hannover, 1868.
- Rerum Italicarum scriptores*, ed. por Muratorius, L. A., i. 2, Mediolani, 1725.
- YĀQŪT, 1866-1873 – *Mu'ğam al-Buldān*, ed. de F. Wüstenfeld, *Jakut's geographisches Wörtherbuch*. I-VI, Leipzig.

BIBLIOGRAFIA

- ALI EL-HAJJI, Abdurrahman, 1970 – *Ibrāhīm ibn Yaqūb at-Turtūshi and his diplomatic activity*, “The Islamic quarterly. A review of Islamic culture”, 14 (1970).
- ALI EL-HAJJI, Abdurrahman, 1970a – *Andalusian diplomatic relations with western Europe during the Umayyad period (A.H. 138-366/A.D. 755-976). An historical survey*, Beirute.
- ANDERLE, Ádám, 1992 – *Kalandozók és zarándokok: magyar témák a középkori spanyol történelemben: historiográfiai történelemben: historiográfiai vázlat*, Szeged (*Expedicionários e peregrinos: temas húngaros na história medieval de Espanha. Esboço historiográfico*).

- ANDERLE, Ádám, 2007 – *Hungria y España: relaciones milenarias*, Szeged.
- BARTHA, Antal, 1975 – *Hungarian society in the 9th and 10th centuries*, Budapeste.
- BENET I CLARÀ, Albert, 1982 – *La incursió d'hongaresos a Catalunya l'any 942*, in “Quaderns d'estudis medievals”, III/9 (1982), Barcelona.
- BEREND, Nóra, 2001 – *At the gate of Christendom*, Cambridge.
- BIRNBAUM, Henrik, 1993 – *Where was the Center of the Moravian State?*, in “American Contributions to the Eleventh International Congress of Slavists”, ed. de R. A. Maguire e A. Timberlake, Columbus, p.11-24.
- BOBA, Imre, 1971 – *Moravia's History Reconsidered: A Reinterpretation of Medieval Sources*, Haia.
- BOIGUES, F. Pons, 1898 – *Ensayo bio-bibliografico sobre los historiadores y geografos arabigo-españoles*, Madrid.
- BOWLUS, Charles R., 1995 – *Franks, Moravians, and Magyars. The Struggle for the Middle Danube, 788–907*, Filadélfia.
- BRACHFELD, F. Olivér, 1942 – *Doña Violante de Hungría, reina de Aragón*, Madrid-Barcelona.
- CARPINI, Friar Giovanni Di Plano, 1996 – *The Story of the Mongols Whom We Call the Tartars*, Boston.
- CHARVÁT, Petr; PROSECKÝ, Jiří, ed. de, 1996 – *Ibrahim ibn Yáqub at-Turtushi. Christianity, Islam and Judaism meet in East-Central Europe, c. 800-1300 A.D.* Praga.
- CHAZAN, Robert, 2006 – *The Jews of Medieval Western Christendom, 1000-1500*, Cambridge.
- DIESENBERGER, Maximilian, 2007 – *Baiern, das Ostfränkische Reich und die Ungarn bis zur Schlacht von Pressburg 862–907*, in *Schicksalsjahr 907. Die Schlacht bei Pressburg und das frühmittelalterliche Niederösterreich. Katalog zur ausstellung des Niederösterreichischen Landesarchivs*, St. Pölten, p. 31–43.
- ELTER, István, 1997 – *A magyarok elnevezései az arab forrásokban*, in *Honfoglalás és nyelvészet*, Budapeste, p. 99-101 (*As denominações dos húngaros nas fontes árabes*).
- ELTER, István, 2009 – *Ibn Hayyān a kalandozó magyarokról*, Szeged, 2009 (*Ibn Hayyān e as incursões húngaras*).
- ENGELS, Peter, 1991 – *Der Reisebericht des Ibrahim ibn Ya'qub (961/966)*, in “Kaiserin Theophanu. Begegnung des Ostens und Westens um die Wende des ersten Jahrtausends”, coord. de Anton von Euw e Peter Schreiner, Colónia, p. 413-422.
- ESCORSA, A. de Fluvià, 2002 – *Hongria i Catalunya: set segles de bones relacions*, “Paratge”, 14 (2002), p. 83-85.
- GYÖRFFY, György, 1986 – *Julianus barát és Napkelet fölfedezése*, Budapeste (*Frei Juliano e a descoberta do Oriente*).
- GYÖRFFY, György, 1988 – *König Stephan der Heilige*, Budapeste.
- HEER, Friedrich, 1968 – *The Holy Roman Empire*, Nova Iorque.
- KELLNER, Maximilian Georg, 1997 – *Die Ungarneinfälle im Bild der Quellen bis 1150*, Munique.
- KOSEV, Dimităr; HRISTOV, Hristo; ANGELOV, Dimităr, 1966 – *Крътка история на България*, Sófia (*História breve da Bulgária*).
- KRISTÓ, Gyula, 1993 – *Die Arpadendynastie: die Geschichte Ungarns von 895 bis 1301*, Budapeste.
- LEWIS, Archibald R., 1991 – *Nomads and Crusaders A.D. 1000–1368*, Bloomington.
- CERVERÓ MARTÍ, Ll., 1980 – *El comte Dionís d'Hongria, senyor de Canals, al seguici de la reina Violant: la descendència de Dionís als regnes de València i d'Aragó*, in “Jaime I y su época: X Congreso de Historia de la Corona de Aragón (Zaragoza, 1979)”, vol. 1, Saragoça, p. 559-577.
- LUKÁCS, Laura, 1987 – *Relações luso-húngaras*, Budapeste.
- MACARTNEY, C. A., 1968 – *The Magyars in the ninth century*, Cambridge.
- MATEU I LLOPIS, F., 1980 – *El Rex Hungarie y el Rex Valencie: sincronismos monetarios y sigilográficos en torno de doña Violante de Hungría*, in “Jaime I y su época: X Congreso de Historia de la Corona de Aragón (Zaragoza, 1979)”, vol. 3, Saragoça, p. 545-555.
- MĚŘINSKÝ, Zdeněk; MEZNÍK, Jaroslav, 1998 – *The making of the Czech state: Bohemia and Moravia from the tenth to the fourteenth centuries*, in “Bohemia in History”, ed. de Mikuláš Teich, Cambridge, p. 39-59.

- MILLÁS VALLICROSA, J. M., 1946 – *La conquista musulmana de la región pirenaica*, “Pirineo”, II (1946), Saragoça.
- MILLNER-GULLAND, Robin; DEJEVSKY, Nikolai, 1998 – *Cultural Atlas of Russia and the Former Soviet Union*, Abingdon.
- MIQUEL, André, 1966 – *L'Europe occidentale dans la relation arabe d'Ibrahim b. Ya'qub (Xe siècle)*, “Annales. Economies, sociétés, civilisations”, 21 (1966).
- MORAVCSIK, Gyula, 1970 – *Byzantium and the Magyars*, Budapeste.
- PÁLÓCZI HORVÁTH, András, 1989 - *Pechenegs, Cumans, Iasians: Steppe peoples in medieval Hungary*, Budapeste.
- PÉREZ DE HEREDIA, R. ... Valle, 2001 – *La reina Doña Violante de Hungría: fragmentos de su vida y arraigo de su recuerdo en Castellón de la Plana*, Castellón de la Plana.
- RÁKÓCZI, István, 1999 – *Portugalhungria: dez estudos sobre os contactos luso-húngaros*, Budapeste.
- RÁKÓCZI, István, 2003 – *Mares literários luso-húngaros*, Lisboa.
- ROCA, M. C., 2008 – *Les dones de Jaume I*, Barcelona.
- SAROBÉ, Ramón; TÓTH, Csaba, ed. de, 2009 – *Princeses de terres llunyanes. Catalunya i Hongria a l'edat mitjana*, Barcelona.
- SEMSEY, Viktória, 2009 – *Fuentes húngaras sobre la guerra de España 1808-1814*, in “El Comienzo de la Guerra de la Independencia. Congreso Internacional del Bicentenario. Actas”, ed. de Emilio de Diego, Madrid, p. 89-111.
- SEZGIN, Fuat (em colaboração com Mazen Amawi), 1994 – *Studies on Ibrāhīm ibn Ya'qūb (2nd half 10th century) and on his account of Eastern Europe*, Frankfurt.
- SZÉKELY, György, 1974 – *Les Contacts entre Hongrois et Musulmans aux IX^e-XII^e siècles*, in “The Muslim East. Studies in honour of Julius Germanus”, Budapeste, p. 53-74.
- SINOR, Denis, 1977 – *The outlines of the Hungarian Prehistory*, in “Inner Asia and its Contacts with Medieval Europe”, Londres, p. 513-540.
- SINOR, Denis, 1959 – *History of Hungary*, Londres.
- The Encyclopaedia of Islam*, nova edição, Leiden-Londres, 1954/57, vols. I, p. 667-677; IV, p. 207; VI, p. 117-120; VIII, p. 895-898; IX, p. 592-598.
- VAJAY, Szabolcs, 1968 – *Der Eintritt des ungarischen Stammesbundes in die europäische Geschichte: 862-93*, Mainz.
- VÁSÁRY, István, 2005 – *Cumans and Tartars. Oriental Military in the Pre-Ottoman Balkans, 1185-1365*, Cambridge.
- WALTHER, Helmut G., 1985 – *Der gescheiterte Dialog. Das ottonische Reich und der Islam*, in “Orientalische Kultur und europäisches Mittelalter”, coord. de Albert Zimmermann, “Miscellanea Mediaevalia 17”, Berlim-Nova Iorque, p. 20-44.
- WERTNER, Mór, 1893 – *Mizse nádor és családja*, in “Erdélyi Múzeum”, 1893, p. 584-587.
- ZSOLDOS, Attila, 2001 – *Saint Stephen and his country. A Newborn kingdom in Central Europe: Hungary. Essays on Saint Stephen and his age*, Budapeste.